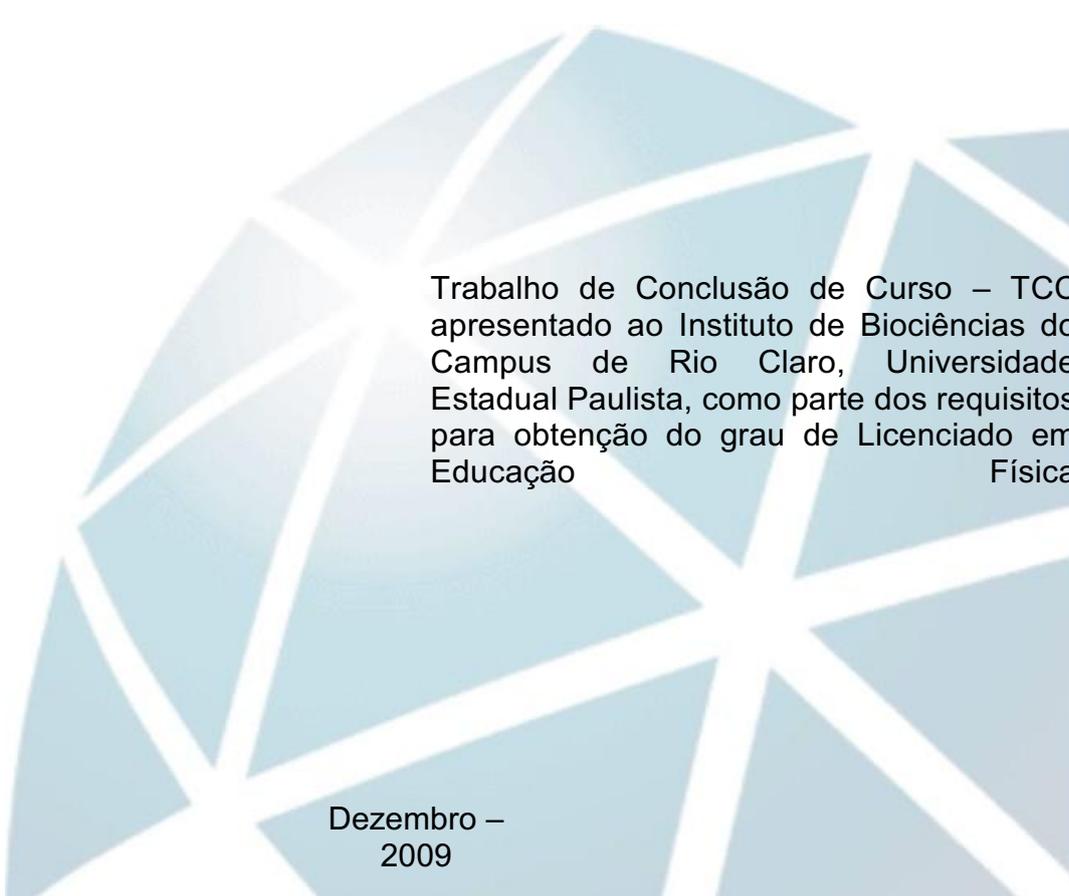

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**BASQUETEBOL X TEMAS TRANSVERSAIS: A
PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO
AUDIOVISUAL PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

PAULA BEATRIZ CAMARGO SÚNEGA



Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Instituto de Biociências do
Campus de Rio Claro, Universidade
Estadual Paulista, como parte dos requisitos
para obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física

Dezembro –
2009

PAULA BEATRIZ CAMARGO SÚNEGA

BASQUETEBOL E OS TEMAS TRANSVERSAIS: A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO AUDIOVISUAL PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Orientadora: Suraya Cristina Darido

Co-orientador: Heitor Andrade Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física

Rio Claro

2009

796.07 Súnega, Paula Beatriz Camargo
S958b Basquete X temas transversais: a produção de material didático audiovisual para a educação física escolar / Paula Beatriz Camargo Súnega. - Rio Claro : [s.n.], 2009
60 f. : il. + 1 DVD

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Suraya Cristina Darido

Co-Orientador: Heitor Andrade Rodrigues

1. Educação física - Estudo e ensino. 2. Basquetebol. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico este trabalho às pessoas que são a essência da minha vida: Aos meus pais: Jair e Regina; aos meus irmãos: Carla, Bruno e Pedro; e aos meus pais de coração: Silvio e Sandra.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar aos meus pais, Jair e Regina, por me darem a vida e a oportunidade de estar em uma Universidade, concluindo um trabalho muito importante para a minha graduação e para o resto de minha existência e aos meus pais de coração, Silvio e Sandra, por todo o aprendizado e criação. Esta conquista também é de vocês.

Agradeço a meus irmãos, Carla, Bruno e Pedro, pela alegria e a cumplicidade sempre.

Aos meus avós, Hélio e Bia, pelo apoio em todos os momentos, bons ou ruins, passados em Rio Claro.

Ao Samuel, meu namorado, pela amizade, compreensão e dedicação em vários momentos em todo este tempo em que estamos juntos. Muito Obrigada!

Ao querido amigo Bruno (Dedê), que me ajudou a tornar realidade os vídeos produzidos, e ao seu cachorro Thomé por me proporcionar muitos momentos de alegria.

Às meninas dos meus olhos, que dividiram, não só a casa, mas também as tristezas e as alegrias: Elizandra (Eliz), Natalia (Pocas), Thais (Tatá), Geise (Tuka), Renata (Rê), Dryelli (Dry), Adriana (Drika), Panda (nosso fiel cachorro) e minha irmã de coração Maria Carolina (Marol). Obrigada sempre República “Pocas e Boas”!

Agradeço de coração à minha queridíssima professora e orientadora Suraya por me proporcionar conhecimentos e idéias ótimas nos meus anos de graduação, e ao meu querido amigo, treinador e coorientador Heitor, pela amizade e ajuda no desenvolvimento deste trabalho, que considero o melhor de minha vida. Obrigada!

Aos amigos do 4º LEF 2006, que durante os quatro anos de graduação compartilhei momentos inesquecíveis, em especial as meninas Ellen, Gabi, Luiza, Marília, Alline, Carol, Marina, e os meninos, que apesar de serem somente oito, estão no meu coração.

Quero agradecer aos mestres Ana Maria Pellegrini, Afonso, Samuel, Irene (Tatí) e Sara, por toda a experiência compartilhada, amizade, respeito e dedicação, não só a mim como aluna, mas com toda a universidade, vocês são um exemplo!

Agradeço aos amigos, presentes ou não, Ayra, Aline (Potra), Amália, Thaysa, Gabriela (Gabi), Mariana (Nana), Soraia (Sossô), Mário (Marim), Guilherme (Mineiro), Lilian, Vitor, Gabriel, Guilherme, Adriana e a todos das Repúblicas Atoas e Cabeças, pelo apoio e afeto em todos os momentos.

Enfim, sou grata a todos que já passaram em minha vida e que foram responsáveis por me tornar a pessoa que sou.

Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.

Charles Chaplin

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo, primeiramente, produzir um tipo de material didático, em formato audiovisual, para a Educação Física escolar, abordando os Temas Transversais, na perspectiva do basquetebol. Os Temas escolhidos foram Pluralidade Cultural, abordando o basquete em cadeira de rodas; e Trabalho e Consumo, abordando o marketing e a exploração de mão-de-obra que a empresa Nike faz. É indiscutível a importância da produção midiática na sociedade contemporânea, como uma das suas principais linguagens, mas ainda de pouca relevância no ambiente escolar, principalmente na área da Educação Física. Em um segundo momento o objetivo foi avaliar a viabilidade deste material tanto como estratégia de ensino, como conteúdo de aprendizagem em aulas. A avaliação se deu através de uma discussão na forma de grupo focal com 10 alunos do 9º ano do ensino fundamental. Os resultados mostraram que, apesar de uma primeira rejeição ao material como estratégia de ensino, devido ao histórico que a Educação Física passou por vários anos, os alunos se mostraram abertos a novas formas de aprendizagem. Já os resultados sobre o material, como conteúdo de aprendizagem, mostraram que, os vídeos conseguiram abordar bem os Temas Transversais e suprir a necessidade de conteúdo procedimental com as atividades propostas. Com isto, percebemos que os alunos estão dispostos a discutir assuntos, que nem sempre são abordados, mas que hoje, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, devem ser refletidos em aula.

Palavras-chave: Material didático, Temas Transversais, Basquetebol, Educação Física escolar, Mídia

ABSTRACT

This study aimed, first, produce a kind of educational materials in audiovisual format, to the Physical Education, addressing the Transversal Themes in view of the basketball. The themes chosen were Cultural Plurality, addressing the basketball in a wheelchair, and Labor and Consumer Affairs, addressing the marketing and exploitation of labor force that the company is Nike. There is no doubt the importance of media production in contemporary society, as one of its main languages, but of little relevance in the school environment, especially in the area of Physical Education. In a second phase aimed at evaluating the feasibility of this material both as a teaching strategy, such as content of learning lessons. The evaluation was made through a discussion in the form of focus groups with 10 students from 9th grade of elementary school. The results showed that despite an initial rejection of the material as a teaching strategy because of the history that Physical Education has for several years, students were open to new ways of learning. Since the results on the material, such as learning content, showed that the videos were able to address and the Transversal Themes and meet the need for procedural content with the proposed activities. With this, we realize that students are willing to discuss matters that are not always addressed, but now, with the creation of national curriculum standards should be reflected in the classroom.

Key words: Nanobiotechnology, Transversal Themes, Basketball, Physical Education, Media

SUMÁRIO

	Páginas
1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVO.....	12
2.1. Objetivos específicos.....	12
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	13
3.1. Mídia e Educação.....	13
3.2. Material Didático.....	16
3.2.1. Material Didático e Educação Física.....	16
3.2.2. Material Didático: vídeo.....	18
3.3. Temas Transversais.....	19
3.3.1. Temas transversais e Educação Física.....	21
3.4. Pluralidade Cultural e Educação Física.....	22
3.4.1. Atividade Física Adaptada.....	23
3.4.2. História do basquetebol em cadeira de rodas.....	24
3.4.3. Características e regras do basquetebol em cadeira de rodas.....	25
3.4.4. Basquete em cadeira de rodas e a Educação Física Escolar.....	26
3.5. Trabalho e Consumo e Educação Física.....	27
3.5.1. A Nike.....	29
4. MATERIAIS E MÉTODOS.....	33
5. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	36
5.1. Aceitação do material vídeo como estratégia de ensino.....	36
5.2. Aceitação do material vídeo como conteúdo de aprendizagem...	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
8. APÊNDICES.....	55
Apêndice A – Roteiro vídeo basquetebol em cadeira de rodas.....	55
Apêndice B – Roteiro vídeo Nike.....	60
9. ANEXOS.....	65
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	65
Anexo B – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	67
Anexo C – Transcrição de uma entrevista.....	68

1. INTRODUÇÃO

Desde que foi implantado nas escolas pela secretaria da educação em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) visam à reformulação do processo de ensino-aprendizagem no Brasil, tendo em vista a organização e desenvolvimento do sistema educacional do país, respeitando as diversidades culturais dos diferentes componentes curriculares, inclusive a Educação Física.

Dentre os documentos elaborados no âmbito das propostas dos PCNs identifica-se como grande avanço os Temas Transversais, os quais colaboram para a formação do cidadão, focalizando a realidade social, os direitos e deveres do cidadão.

Os Temas formulados foram sobre Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho e Consumo, e Orientação sexual. Temas estes que estão diretamente ligados às vivências diárias das pessoas.

Ampla o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana. (BRASIL, 1998, p.17)

Com essa nova forma de se trabalhar temas cotidianos na escola, o desafio na Educação Física é unir seus conteúdos de esporte, jogos, dança, lutas, entre outros, com os temas transversais.

Porém, parece cada vez mais difícil manter a atenção dos alunos dentro e fora das salas de aula, principalmente pelo bombardeio de informações que os alunos recebem por

formas diferentes e mais interessantes que uma lousa. Os meios audiovisuais estão a todo o momento rodeando as pessoas, através da televisão, jornal, internet. Não é diferente na Educação Física, ainda mais quando se diz respeito ao esporte, área muito visada pela mídia.

E porque não usar de materiais como jornais, internet, vídeos, entre outros, para passar o conteúdo que deseja ao aluno? O uso de filmes, documentários, computador, já acontece em várias escolas, o que torna a aceitação dos alunos mais favorável a novos meios de aprendizagem. Mauro Betti (1998) cita em sua obra “A janela de vidro” idéias do pedagogo Francês, Georges Belbenoit. “Introduzir o esporte nas escolas, assim como as novas tecnologias pedagógicas, audiovisuais ou informáticas, é fazer viver a escola em seu tempo” (BELBENOIT, 1976 in BETTI, 1998, p.26).

Com a intenção de relacionar educação física, temas transversais e a produção audiovisual, o objetivo do presente estudo foi, em um primeiro momento, produzir um material didático em forma de filmes com o conteúdo basquetebol que envolveu os temas transversais pluralidade cultural e trabalho e consumo.

Em pluralidade cultural, foi discutido sobre o basquete em cadeira de rodas, já em trabalho e consumo, o tema abordado foi a utilização de marketing para a venda de seus produtos e a exploração de mão de obra em suas fábricas em países asiáticos.

No segundo momento, o objetivo foi utilizar o material produzido em situações reais de ensino com uma turma de 9ºano do Ensino Fundamental, para em seguida avaliar os resultados dessa aplicação.

2. OBJETIVOS

Produzir materiais audiovisuais relacionando o basquetebol com os temas transversais pluralidade cultural e trabalho e consumo.

Em um segundo momento, utilizar o material produzido em situações reais de ensino com uma turma de 9ºano do Ensino Fundamental, para em seguida avaliar os resultados dessa aplicação.

2.1 Objetivos Específicos

1. Produzir dois vídeos: um sobre o basquetebol em cadeira de rodas, abordando o tema transversal pluralidade cultural; outro sobre o marketing esportivo que a Nike faz com o basquete, também o uso de mão de obra barata e infantil em países asiáticos.

2. A partir da discussão em grupo focal com 10 alunos de 9º ano do ensino fundamental, avaliar a aceitação do material produzido como estratégia de ensino e o conteúdo dos vídeos em situação de aprendizagem.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Na revisão da literatura, discutimos a atuação da mídia na sociedade e a sua função, seguido da discussão da importância do material didático, e também sobre os temas transversais. Todos estes temas especificamente dentro da Educação Física Escolar.

3.1 Mídia e Educação

Em nossa sociedade os recursos midiáticos ocupam um lugar de destaque, estando sempre presentes, no processo de formação do indivíduo, influenciando tudo ao nosso redor, incluindo as nossas escolhas, nossos gostos, nossa opinião, entre outros exemplos. Apesar do termo “mídia” ser usado como sinônimo para “meios de comunicação” (FISCHER, 1996, p. 28) o alcance deste campo, denominado midiático, não diz respeito apenas aos veículos tradicionais onde são difundidas as informações (rádio, jornais, revistas, televisão, vídeos, Internet, entre outros), mas também aos outros veículos e produtos que servem como meios de propagação do imaginário e dos discursos da cultura. Ao trabalhar com este campo, a palavra “mídia” está designando “meios de massa” (ou *mass-media*), meios de comunicação social, meios eletrônicos de comunicação, indústria cultural, entre outros (FISCHER, 1996, p. 28).

Em sua tese de doutorado, Fischer (1996) aborda os discursos da mídia e a adolescência, mostrando como revistas, programas e imagens influenciam a vida dos jovens, seguindo sua fundamentação teórica em Foucault.

A autora cita também que em uma sociedade, a mídia transforma consumidores em meros veículos, por exemplo, quando estes expõem *griffes* em seus corpos. Esse fenômeno está diretamente relacionado à dispersão e multiplicação das próprias redes de poder nos processos de comunicação. Relata ainda que os jovens acabam sendo o maior alvo da mídia, pois estão começando a formar suas opiniões e gostos, são consumidores excessivos de programas de televisão, rádios, revistas e principalmente a internet.

Ao contrário do que diz Fischer, Faro (1998) argumenta que a mídia não se resume apenas a um veículo ou um estágio que materializa a intermediação entre o mundo e a consciência dela, mas é ela própria, o meio, um componente dessa consciência, um instrumento de sua intervenção na circunstância do tempo vivido.

Educadores como Belloni (2001), vêm destacando a importância da apropriação dos “meios” (mídias) pelos professores, no intuito de propor uma educação com autonomia e esclarecedora. Ou seja, que a mídia passe a ser mais um instrumento que provoque a reflexão dos alunos, construindo e reconstruindo suas realidades.

A mídia exerce mais essa função, que é merecedora de um olhar atento, pois refere-se à disseminação de uma nova linguagem, imbricada na interconexão entre a imagem e o som, a linguagem audiovisual (OLIVEIRA, 2005).

A mídia e as Tecnologias de Informação e Comunicação por operarem tendenciosamente uma forma de pedagógica cultural na sociedade, devem se constituir em elementos de reflexão e crítica no âmbito educativo, isso é chamado mídia-educação segundo Mendes (2008).

Uma proposta pedagógica de tematização da mídia no âmbito escolar com objetivo de formar cidadãos críticos e autônomos em relação à mídia. Trata-se, portanto, da busca por uma escola que dialogue com a cultura midiática e audiovisual para além das estratégias de mera aquisição tecnológica (p.193)

Nesse estudo, Mendes (2008) relata a experiência de mídia-educação em uma escola de Florianópolis, a partir da análise do livro “Janela de vidro” de Mauro Betti e prova que é possível trabalhar de forma positiva com as formas midiáticas na escola, gerando novos debates e novas reflexões entre os alunos, professores e direção sobre o papel da mídia na sociedade contemporânea.

Pereira (2008) acrescenta três objetivos para a mídia-educação:

Promover o acesso às mídias, promover uma análise crítica das mensagens através do conhecimento da história, organização, linguagens, audiências, etc. das mídias, e estimular um uso interativo e criativo das diversas mídias disponíveis (p.251).

O objetivo deste trabalho se relaciona integralmente com os objetivos de Pereira, descritos acima. Trabalhar com vídeos para discutir o basquete em cadeira de rodas, mas não apenas o esporte em si, também a inserção dos deficientes físicos em nossa sociedade. O mesmo acontece com o vídeo sobre a Nike, que além de discutir o papel da propaganda para o marketing de uma empresa, também discute um assunto importante hoje no mundo, que é o trabalho, que neste caso se resume a exploração de uma empresa multinacional em países subdesenvolvidos. Usando de história, criatividade e novos artifícios pouco explorados pela educação física, podem criar-se um ambiente onde os alunos possam conhecer novos assuntos, refletir e criticar os temas apresentados.

Segundo Oliveira (2003), é inegável uma aproximação por parte do estudante à “*cultura mediática*”, em detrimento da cultura escolar. A escola perde espaço para a televisão, videogame, rádio e outras formas de acesso à informação.

Para Belloni (2001), a inclusão das mídias na escola se justifica, principalmente por que:

A escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando (p.10).

A escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação não de uma forma geral somente, mas sim em todos os componentes curriculares existentes nela, como por exemplo, na educação física.

Mendes (2008) resume que:

Quanto à mídia-educação como temática geradora pode-se dizer que o campo revelou que esta deve estar inserida na Educação Física escolar no desenvolvimento de um tema específico, tal como sugeriu a pesquisa realizada por Betti (2006) e em interlocuções coletivas, na condição de um tema transversal (p. 200).

Assim usar a mídia como material didático seria uma nova forma de ensinar, despertando interesse nos alunos e integrando as tecnologias de informação juntamente com os temas transversais e os conteúdos destinados à educação física.

3.2 Material Didático

3.2.1 Material Didático e a Educação Física

Os materiais didáticos são instrumentos que auxiliam o professor com conteúdos e referências para tomada decisões, tanto na intervenção direta do processo de ensino-aprendizagem, quanto no planejamento e na avaliação, ou seja, são os meios que apóiam os docentes a resolver os problemas presentes no planejamento, execução e avaliação das aulas (DARIDO et.al. 2008).

Os materiais didáticos podem auxiliar os professores na prática pedagógica, servindo de referencial e também através da criatividade do docente transformar as informações de acordo com a realidade na qual atua e as necessidades dos alunos.

Dentre as estratégias para se obter um bom material didático considera-se relevante a adoção de um conceito ampliado de conteúdos, assim como propõe Zabala (1998). Parece imprescindível na elaboração de um material didático, visualizar e refletir sobre os conteúdos em suas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal.

Segundo Ferraz (1996) essas dimensões podem ser entendidas da seguinte maneira na Educação Física:

A dimensão procedimental diz respeito ao saber fazer (...). No que diz respeito à dimensão atitudinal, está se referindo a uma aprendizagem que implica na utilização do movimento como um meio para alcançar um fim, mas este fim não necessariamente se relaciona a uma melhora na capacidade de se mover efetivamente. Neste sentido, o movimento é um meio para o aluno aprender sobre seu potencial e suas limitações (...). [A dimensão conceitual] (...) significa a aquisição de um corpo de conhecimentos objetivos, desde aspectos nutricionais até socioculturais como a violência no esporte ou o corpo como mercadoria no âmbito dos contratos esportivos" (p.17).

Podemos relacionar então os materiais didáticos com as dimensões dos conteúdos. Sendo assim, para os conteúdos conceituais, quadro negro, audiovisuais e livros didáticos; para os conteúdos procedimentais, dados estatísticos, revistas, jornais; para os conteúdos atitudinais, vídeos e textos que estimulem o debate.

Englobando os materiais didáticos está o livro didático. O autor Zabala (1998) diz que os livros didáticos podem ser considerados atualmente como a estratégia metodológica mais utilizada pelos professores, em contra partida este é alvo de muita polêmica e crítica.

Na análise de Darido et al. (2009) as críticas surgem freqüentemente da associação do livro didático com a ideologia burguesa, portanto, se colocar contra esta ideologia significa automaticamente ser contra os livros didáticos.

Segundo Zabala (1998), o processo de questionamento do livro didático e a oposição à sua utilização tiveram início no século XX, por meio de diferentes movimentos progressistas.

Além dos livros, os próprios materiais didáticos são alvo de críticas principalmente em relação às conseqüências de sua utilização nas aulas. Uma seria provocar atitude de passividade nos alunos, de forma a impedir uma participação efetiva dos mesmos tanto no processo de aprendizagem quanto na escolha dos conteúdos, limitando a iniciativa e curiosidade, permitindo somente a utilização das estratégias baseadas nos próprios materiais didáticos (DARIDO et.al, 2009) .

Outra crítica estaria ligada a uniformização do ensino, em que os materiais não respeitam o ritmo de aprendizagem dos alunos, suas experiências anteriores, interesses, necessidades, expectativas e diferenças pessoais, o que imprime um ritmo de aprendizagem comum e coletiva. Todas essas desvantagens estão ligadas a aprendizagem por memorização mecânica.

Apesar das críticas terem fundamento, os materiais didáticos podem ser construídos diferentemente, sem cometer os erros dos materiais convencionais (ZABALA, 1998). Quando se diz respeito ao material audiovisual, a aprovação aparenta ser maior, pois este faz parte de uma nova geração de materiais didáticos que usam a tecnologia como aliada.

Segundo Férrez (1996) a linguagem audiovisual favorece a percepção acima da reflexão, a sensação sobre o conceito, e por este motivo é natural que tenda a provocar respostas mais emotivas, reduzindo o nível de consciência e a possibilidade de uma reflexão crítica.

A área de ensino a distância usa freqüentemente este recurso, e a internet para a sua veiculação.

Segundo Raabe (1999):

A utilização da Internet no ensino e na pesquisa tem apresentado muitos avanços, em especial devido à popularização de recursos, tais como o WWW¹, as vídeo-conferências e os software de chat.² Estes recursos têm viabilizado o acesso à informação e ao ensino à distância. (pag.3)

¹ WWW: World Wide Web – Ambiente utilizado pelos browsers para navegação na Internet.

² Chat: Conversas on-line via Internet

A maioria dos componentes curriculares escolares possuem uma gama de materiais didáticos para ser utilizado, porém a Educação Física, além de não produzir materiais audiovisuais como recurso para acrescentar em seus conteúdos, também tem dificuldade de produzir qualquer tipo de material didático.

A falta de produção de material didático vem do contexto histórico que a Educação Física se desenvolveu. A questão do “movimento” que engloba a prática da Educação Física, baseada em conteúdos procedimentais fez com que se tornasse difícil o pensar na estruturação desse material, assim como sua aceitação junto aos docentes e mesmo ao mercado editorial. (

DARIDO et.al (2009) relatam que:

A falta de materiais didáticos parece se caracterizar como uma dificuldade extra do professor. Nesse sentido, é papel da comunidade científica e acadêmica envidar esforços no sentido da elaboração, construção e avaliação de materiais didáticos no interior da Educação Física na escola. (no prelo)

Por este motivo, este trabalho entende a necessidade de se produzir material didático para a Educação Física como meio de estabelecer novas formas de ensino, se despreendendo da forma tradicional, utilizando dos recursos tecnológicos.

2.3.2 Material Didático – Vídeo

Atualmente considera-se que o contato com os meios de difusão de informações audiovisuais, em especial a televisão, representam uma das atividades em que as pessoas dedicam mais tempo. Segundo Férrez (1996), a consolidação da televisão como mídia de massa provocou uma mudança na sociedade e nas relações humanas, em especial no ambiente familiar.

Os meios de comunicação de massa se converteram no ambiente onde crescem as novas gerações. Segundo Carravetta (1997), no Brasil a criança em idade escolar permanece mais tempo assistindo televisão do que no envolvimento com tarefas escolares.

Apesar da grande penetração da televisão na sociedade, os meios audiovisuais têm sido pouco utilizados em atividades educacionais. A utilização do recurso audiovisual na educação pode servir tanto no desenvolvimento de uma consciência crítica do educando em relação ao seu contexto, quanto da sua utilização para objetivos pedagógicos específicos. Acredita-se que através da interação de diversas mídias utilizando a Internet, pode-se produzir

materiais audiovisuais que possibilitam acrescentar qualidade ao processo de ensino-aprendizagem. (RAABE, 1999)

A utilização do audiovisual deve atuar em paralelo com o ensino baseado na linguagem escrita possibilitando ao aluno a construção de um espectro de conhecimentos mais amplo e de naturezas diferenciadas; isso valoriza não só o pensamento consciente e racional, mas também a sensibilidade, a percepção e o raciocínio intuitivo.

Utilizar-se de recursos tecnológicos para a criação de materiais didáticos tem por objetivo tornar estes materiais instrumentos melhores para aprendizagem. A utilização de recursos multimídia pode trazer um ganho significativo ao potencial comunicativo de tais materiais. (RAABE, 1999)

Segundo Skillicorn (Apud in Castro, 1997), os recursos multimídia podem tornar disponíveis permanente entre as melhores explicações, apresentações e resoluções de problemas. É possível oferecer caminhos alternativos de acordo com estilos e ritmos de aprendizado dos estudantes.

Segundo Castro (1997), o planejamento do uso das mídias deve seguir uma base pedagógica que considere a possibilidade de envolvimento dos alunos com o material apresentado auxiliando o aproveitamento da mídia no processo de aprendizagem.

Castro (1997) ainda diz que:

Empregar novas tecnologias no ensino não implica em sucesso no aprendizado. Acima de tudo, é necessário haver motivação e abertura das pessoas envolvidas com a nova ferramenta, dando oportunidade ao surgimento de uma nova maneira de ensinar e aprender.

Então, para se utilizar das novas tecnologias no ensino nas escolas, além de novas produções de materiais envolvendo esta tecnologia, faz-se necessária a motivação dos professores e dos alunos. Por esse motivo, este estudo tem como objetivo avaliar a viabilidade dos materiais audiovisuais produzidos, juntamente com alunos, para a aula Educação Física.

3.3 Temas Transversais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), criado em 1997, que tem como função orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, cita o quanto importante são os objetivos fundamentais da República, entre eles a cidadania.

A cidadania é compreendida como “[...] produto de histórias sociais, protagonizadas pelos grupos sociais [...]” (BRASIL, 1997, p.19), ou seja, o conjunto dos direitos políticos de que goza um indivíduo e que lhe permitem intervir na direção dos negócios públicos do Estado, participando de modo direto ou indireto na formação do governo e na sua administração.

A partir disso, os PCNs, ao propor uma educação comprometida com a cidadania, elegeram princípios para orientação educacional. Esses princípios são: dignidade da pessoa humana, que se refere aos direitos humanos, repúdio a qualquer tipo de discriminação, acesso a uma vida digna; Igualdade de direitos, que refere-se a necessidade de garantir a todos os mesmos direitos; Participação, que refere-se a cidadania ativa; Co-responsabilidade pela vida social, que refere-se a responsabilidade de todos sobre a vida coletiva.

A contribuição da escola é, portanto, desenvolver um projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na realidade para transformá-la.

Sendo assim, foi selecionado um grupo de temas para serem trabalhados na escola, juntamente com os componentes curriculares obrigatórios, que abordam a realidade do cotidiano de nossa sociedade.

O conjunto de temas é Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e recebeu como título geral Temas Transversais.

Os critérios para a escolha desses temas foi a urgência social, abrangência nacional, possibilidade de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e favorecer a compreensão da realidade e a participação social.

Por serem questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrossociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões. (BRASIL, 1997, p.26)

Segundo Souza (1998), os temas transversais são os eixos geradores de conhecimentos, a partir das experiências dos alunos, assim como os eixos de união entre as

matérias tradicionais. Estes temas estariam presentes, portanto, de maneiras diversas, na totalidade de matérias da estrutura curricular.

A inclusão dos Temas Transversais exige, portanto, uma tomada de posição diante de problemas fundamentais e urgentes da vida social, o que requer uma reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de seus conteúdos: valores, procedimentos e concepções a eles relacionados.

3.3.1 Temas Transversais e Educação Física

A Educação Física sendo componente curricular obrigatório para o ensino fundamental deve trabalhar em seu conteúdo os temas transversais, assim como os demais componentes.

Os temas transversais interagem e contribuem muito com a Educação Física no processo de ensino e aprendizagem no ensino fundamental, sendo essencial o seu desenvolvimento, isto porque, por exemplo, a ética trabalha com valores e atitudes presentes na cultura corporal de movimento, além de aspectos morais do dia a dia em sociedade; a saúde desenvolve hábitos e atitudes de promoção, prevenção e recuperação individual e coletiva; a pluralidade cultural possibilita um trabalho de construção do conhecimento voltado à cultura popular e a apropriação da diversidade como direito de todos; o meio ambiente incentiva o aluno a colocar-se de forma crítica diante do mundo e a obter noções básicas sobre o tema e sobre a conservação do ambiente; a orientação sexual trata de questões relacionadas ao corpo, seus sentimentos e expressões, além de aspectos motores, biológicos e socioculturais voltados a questões de gênero; e os temas trabalho e consumo relacionam a grande influência da mídia não só no esporte, mas também na sociedade, nas atividades corporais e na vida das pessoas, possibilitando o conhecimento dos mecanismos que convergem o trabalho.

Trabalhar a Educação Física juntamente com os temas transversais traz enriquecimento e significação do aprendizado e da área, pois possibilita aos alunos entender a prática da educação física de uma forma a relacionar os conteúdos de esporte, jogos, ginástica, dança e lutas com os conteúdos aprendidos na vida em sociedade., além, de proporcionar um trabalho interdisciplinar que ocasionará na ampliação do conhecimento do aluno.

3.4 Pluralidade cultural e a Educação Física

A sociedade brasileira, devido a sua condição histórica de colonizada pelos portugueses, escravidão dos índios e negros, imigração de japoneses, italianos, alemães, entre outros, apresenta uma diversidade tanto cultural como social.

Essa diversidade nos atinge hoje de várias maneiras, seja ela na forma do preconceito, ou na diversidade cultural.

É função da escola trabalhar para que os alunos sejam capazes de respeitar e valorizar essa diversidade, de forma que haja a diminuição dos preconceitos e discriminações às diferentes etnias que formam a sociedade. Através da inserção dos temas transversais na escola, existe a possibilidade de se trabalhar essas diferenças.

Segundo os PCNs (1998):

A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. (BRASIL , p. 121)

A educação física tem as boas condições de trabalhar com a pluralidade cultural, pois usa o corpo como instrumento para a dança, lutas, esportes, sendo a maioria proveniente de outras culturas. Trazer as origens, trabalhar as diferenças existentes, fazer um levantamento sobre os problemas, faz com que, além de se trabalhar os conteúdos da educação física, haja um enriquecimento reflexivo, histórico, cultural do que se está trabalhando.

Porém, o professor deve saber como conscientizar seu aluno, coibindo formas de preconceito e refletindo junto com eles para um maior aprendizado em sua aula. O professor deve também fazer uma auto-avaliação sobre suas atitudes, pois essas servem de referência para os alunos.

Há uma vasta lista de temas que podem se trabalhar com a pluralidade cultural e a educação física. Para este projeto, em que será produzido um material didático audiovisual, o tema escolhido foi basquetebol em cadeira de rodas, por se tratar de um esporte preferencialmente para deficientes físicos, que sofrem muitas vezes com o preconceito da sociedade, mas que também apresenta grande popularidade entre os brasileiros.

3.4.1 Atividade Física Adaptada

Para poder falar sobre o basquete em cadeiras de rodas, é necessário primeiro fazer um resgate sobre a atividade física adaptada e o próprio surgimento do esporte.

O surgimento da atividade física adaptada (AFA) no Brasil se deu no final da década de 50, época em que os médicos eram responsáveis pelo planejamento e aplicação das atividades, já que não existiam profissionais de educação física. Essas atividades eram chamadas de ginásticas médicas e serviam principalmente como forma de prevenção de doenças.

O termo AFA surgiu nos anos 50 e foi definido pela *American Association for Health Physical, Education, Recreation and Dance* (AAHPERD), abrangendo um plano diversificado de atividades desenvolvimentistas, jogos e ritmos adequados à pessoas portadoras de alguma deficiência.

Pode se dizer então, que o programa de educação física geral não era capaz de incluir pessoas portadoras de deficiência, então, a partir das atividades físicas adaptadas, a educação física adaptada veio para suprir as dificuldade e incluir todos em seu programa.

A história do desporto para deficientes começou na cidade de *Aylesbury*, Inglaterra. O governo cria um centro de reabilitação, na cidade de *Stoke Mandeville*, dedicado a homens e mulheres feridos da Segunda Guerra Mundial.

A partir disso surgem duas vertentes esportivas, sendo uma a do enfoque médico, destinado a reabilitação, prevenção e amenizar os problemas psicológicos, trabalhando de uma forma terapêutica. Através do esporte “reabilitação”, o governo estava devolvendo à comunidade um deficiente, capaz de ser “eficiente”, pelo menos no esporte (Araújo, 1997).

A outra vertente esportiva, vinda dos Estados Unidos, surge como forma de inserção social, dando o enfoque competitivo utilizada por desporto.

Assim, com o desenvolvimento do esporte adaptado, em 1960 surgem os Jogos Paraolímpicos, em Roma, primeiramente denominados de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência (COSTA; SOUSA, 2004, pg.31). O termo paraolímpico somente começou a ser usado em 1964, sendo uma fusão das palavras paraplegia e olimpíada.

As modalidades que fazem parte dos jogos, seja de participação individual, ou coletiva, são desportos de larga tradição competitiva, e coincidem com as modalidades olímpicas, com as adaptações necessárias, para propiciar a prática pelos portadores de deficiência: atletismo, basquete em cadeira de rodas, judô para cegos, natação, vôlei sentado, tênis, tênis de mesa, futebol de sete, futebol de cegos, esgrima, ciclismo, halterofilismo, arco e flecha, hipismo e tiro olímpico. Bocha e

goalball são de origem exclusivamente paraolímpica. A bocha foi criada exclusivamente para pessoas com paralisia cerebral e o goalball para deficientes visuais. (COSTA; SOUSA, 2004, p.31)

No Brasil, a AFA e a prática desportiva adaptada se iniciaram, assim como nos outros países, como uma forma de reabilitação. Hoje, o Brasil possui cada vez mais adeptos nos esportes adaptados, mesmo sendo uma prática recente, somente de 40 anos.

A Educação Física, apesar de anos sendo trabalhada pelo paradigma higienista, é uma das áreas do conhecimento que mais se especializou em trabalhar com o portador de deficiência física. Isto se deve ao fato de que o corpo, independente da forma física que se apresenta (perfeito ou não), é o objeto de trabalho do profissional de educação física, e este deve estar preparado para enfrentar as dificuldades encontradas no seu dia-a-dia, seja com um idoso, com uma criança, com um trabalhador, ou com um deficiente físico.

3.4.2 História do basquetebol em cadeira de rodas

O basquete em cadeiras de roda surgiu a pouco mais de cinquenta anos, juntamente com outras práticas esportivas que utilizam da cadeira de rodas. Assim como a atividade física adaptada, o BCD se iniciou nos centros de reabilitação dos Estados Unidos e Inglaterra, sendo uma forma de incentivo para reabilitação dos indivíduos feridos na Segunda Guerra Mundial.

A reabilitação dos feridos de guerra era de grande importância para o governo, sendo uma forma de amenizar os estragos causados pelos confrontos (LEONI; ZAMAI, 2006, p. 151).

Nos Estados Unidos, o basquete em cadeira de rodas foi trazido pelos veteranos da guerra, e ao mesmo tempo, na Inglaterra, o Dr. Guttman, fazia do BRC uma prática esportiva terapêutica para recuperação de troncos e membros superiores, diminuir o tédio hospitalar e prepará-los para o trabalho.

No Brasil, o BCR teve início no meio da década de 50, e foi trazido por intermédio de Sérgio Del Grande e Robson Sampaio. Os dois, após voltarem do centro de reabilitação dos Estados Unidos, trouxeram a modalidade, que foi bem recebida em São Paulo e no Rio de Janeiro (TEIXEIRA, 2006, p.15).

Em 1957, se formava a primeira equipe de basquete em cadeira de rodas no Brasil, e em fevereiro de 1958, iniciou-se os treinamentos de basquetebol no Hospital das Clínicas em São Paulo (ARAÚJO, 1998).

Com a grande aceitação popular, o esporte foi crescendo, e em 1972, na cidade de Heidelberg, Alemanha, o Brasil teve sua primeira participação nas Paraolimpíadas com o BCR. A partir de então, a presença da equipe brasileira se tornou efetiva nas competições (TEIXEIRA, 2006, p.16).

O Manual de Orientação para professores de Educação Física sobre basquete em cadeira de rodas (2006) diz que:

A primeira entidade nacional a dirigir esta modalidade foi a Abradecar (Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas) até o ano de 1997. Neste mesmo ano, em função do aumento no número de equipes, surgiu a necessidade de criar-se uma entidade máxima para coordenar, normalizar e incrementar a prática desta modalidade no Brasil. Surgindo assim a CBBC (Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas) que, por sua vez, reporta-se ao órgão máximo em nível mundial, a IWBF (*International Wheelchair Basketball Federation*) (TEIXEIRA, 2006, p.16).

O basquetebol em cadeira de rodas tem crescido bastante nas últimas décadas, com o número de adeptos cada dia maior, fazendo com que o esporte cresça, se torne mais popular e consiga novas conquistas.

3.4.3 Características e regras do BCD

Neste trecho serão relatadas algumas regras do BCR, somente aquelas que se diferenciam muito do basquetebol convencional.³

As regras do BCD são semelhantes às regras do basquetebol convencional, porém com algumas modificações e adaptações. A modificação mais evidente é o uso das cadeiras, e por isso o atleta deve obrigatoriamente jogar sentado.

As cadeiras de rodas do jogo são diferentes das cadeiras de rodas usadas no dia-a-dia por um cadeirante. As características das cadeiras de rodas deverão seguir o padrão definido pela federação internacional como forma de garantir segurança e competitividade.

³ C.f. IWBF. *International Wheelchair Basketball Federation*. < [http:// www.iwbf.org](http://www.iwbf.org)>

Uma característica da cadeira esportiva é que esta precisa necessariamente de pelo menos três rodas, duas laterais e uma dianteira. Em alguns casos, as cadeiras apresentam uma roda a mais na parte traseira, um pouco acima do chão, para evitar eventuais quedas.

Quando estiver com a bola, o jogador poderá dar dois impulsos com a cadeira de rodas no máximo, entretanto, se este driblar a bola poderá novamente dar o impulso com a cadeira.

O jogador não pode em hipótese alguma se levantar da cadeira, caso isto ocorra haverá a punição com falta técnica.

Os pontos são contados da mesma maneira que o basquete convencional, sendo que: as bolas arremessadas fora da linha dos três pontos equivalem a três pontos no placar; bolas arremessadas dentro da área demarcada pela linha dos três pontos equivalem a dois pontos no placar; e bolas convertidas no lance livre, equivalem a um ponto no placar.

Todos os atletas são classificados funcionalmente, dependendo de sua lesão e comprometimento dos movimentos, sendo uma escala de cinco classes, variando de 1,0 (um) ponto até 4,5 (quatro pontos e meio) pontos. Cada equipe é composta de cinco jogadores e poderá somar no máximo um total de 14 (catorze) pontos (IWBF, 2004).

Se em algum momento do jogo a somatória for acima de 14 (catorze) pontos, é marcada falta técnica para a equipe como forma de advertência.

Quando um atleta cai, os companheiros no banco de reserva devem aguardar o comando do juiz para que possam ajudá-lo a se levantar.

3.4.5 BCD e Educação Física Escolar

O basquetebol em cadeira de rodas, por ser um esporte coletivo, facilita a integração de pessoas portadoras de alguma deficiência com outras de igual condição, ou não. Por serem deficientes, passam por várias dificuldades, por conta de uma sociedade ainda despreparada para recebê-los. O Basquete tenta amenizar esta situação, rompendo com preconceitos, e socializando e fazendo com que o indivíduo crie uma independência e se sinta mais autoconfiante (LEONI, 2006, p.152).

O ponto relevante para esta transformação, talvez seja a educação, que se inicia na própria família, havendo ou não, pessoas com deficiência. A escola, instituição primordial à educação, deveria estar preparada para receber e atender ao aluno real, com todas as suas diferenças, e não o aluno ideal, como geralmente acontece (REZER; COSTA; BOHES).

Entretanto, a situação nas escolas começa a mudar, principalmente quando a inclusão passa a ser um dos assuntos principais nas instituições. O interesse e disposição dos professores parecem aumentar, e a meu ver, aquele não tenta se adaptar as condições de um aluno deficiente é visto com rejeição por outros profissionais.

O profissional de Educação Física inserido no ambiente escolar também passa por estas modificações que, aliás, não são tão recentes, já que a atividade física adaptada existe algum tempo, e os educadores físicos fazem parte da construção desta nova prática.

Através de brincadeiras adaptadas, pesquisas e até visualizações de vídeos didáticos que incentivam o assunto é possível ser trabalhado o BCD nas escolas, com todos os alunos. Para facilitar este trabalho o Comitê Paraolímpico Brasileiro criou um manual diretamente voltado para professores de educação, que aborda de uma maneira interessante formas de se trabalhar o basquetebol em cadeira de rodas.

A inserção do BCR na Educação Física escolar é de grande valia, já que pode integrar alunos portadores de deficiência e os não portadores (inclusão), trabalhar os Temas Transversais em aula (principalmente a pluralidade cultural) e efetivar uma prática esportiva pouco difundida entre indivíduos não portadores de alguma deficiência física.

No que diz respeito à inclusão, o trabalho com o BCR pode facilitar a discussão do tema entre os estudantes podendo aumentar a aceitação dos novos alunos deficientes. No trabalho com o tema pluralidade cultural, o BCD pode abordar as diferenças físicas entre as pessoas, também explora o preconceito existente com os deficientes físicos.

Por estes motivos é que este estudo tem como objetivo explorar o basquetebol em cadeira de rodas de uma forma ampla, dos pontos de vista conceitual, procedimental e atitudinal, diferentemente do método convencional da Educação Física.

Através do vídeo produzido, o aluno poderá conhecer a história da atividade física adaptada e da modalidade, o surgimento do esporte no Brasil, as diferenças de regras entre o basquete convencional, e ao final é instigado a reproduzir o conhecimento obtido através de painéis para expor na escola e disseminar o conteúdo aprendido para toda a instituição educacional.

3.5 Trabalho e Consumo e Educação Física

O ser humano possui relações entre si e a natureza, que envolve economia, cultura, política, entre outras que são indispensáveis ao bem viver.

Segundo os PCN's (1998) estas relações são:

[...] um conjunto de bens e serviços, produzidos por toda a sociedade, que poderão ser usufruídos. Materializado nos objetos de consumo, nos produtos e bens materiais ou simbólicos e nos serviços, encontra-se o trabalho humano, realizado sob determinadas relações e condições (BRASIL, p.343).

Nessas relações se encontra o trabalho e o consumo realizado pelas pessoas, o que faz a economia de um país acontecer. Porém, apesar de as pessoas serem livres para trabalhar como quiserem, e também consumirem o que desejarem, a situação real não acontece desta maneira.

O Brasil é um país onde mais de 50 milhões de pessoas são excluídas socialmente, isto quer dizer que, a concentração da riqueza está nas mãos de poucos e que estes possuem o grande poder de consumo. Segundo o índice de Gini, que mede a desigualdade de renda em valores de 0 (igualdade absoluta) a 1 (desigualdade absoluta), o índice do Brasil é de 0,60, sendo superado só por Serra Leoa (0,62) sendo um dos piores em distribuição de rendas, o que aumenta ainda mais as desigualdades sociais (FOLHA ONLINE, 2005). Segundo um estudo feito pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), embora o país tenha conseguido melhorar alguns de seus principais indicadores sociais, a distribuição de renda ainda é um dos piores problemas do país (FOLHA ONLINE, 2005). Outros grandes colaboradores para essa contínua desigualdade são a falta de incentivo à educação e o grande desemprego que bloqueia a circulação de rendas. (DARIDO et al, 2006).

Essa desigualdade compromete a democracia e, conseqüentemente, a construção da cidadania. O salário é pouco para a maioria das pessoas, em contradição, o consumo geralmente é sempre maior o que se ganha, criando dívidas extensas apenas para satisfazer vontades muitas vezes impostas por propagandas apelativas.

Não é suficiente ter um sapato, uma roupa, uma caneta, mas a roupa, o sapato de determinada marca. A identidade é marcada pelo consumo não apenas dos objetos como das marcas espalhadas pelo mundo e que se tornaram objeto de desejo, nos mais diversos países e culturas, independente de fatores como qualidade, durabilidade, adequação ao uso, preço etc. (BRASIL, 1998, p.353).

A problematização do trabalho é vasta e inclui a urbanização e terceirização da economia, precarização do trabalho formal, participação crescente do trabalho feminino, exploração do trabalho infantil, entre outros. Já a problematização do consumo se da ao consumo exagerado, campanhas publicitárias, mensagens subliminares, ditadura da beleza, marketing esportivo, e outros e sensibilizam e atraem cada vez mais consumidores desatentos.

A escola, como principal instituição formadora de pessoas críticas-reflexivas, com o auxílio dos temas transversais, pode e deve tratar desses assuntos dentro da sala de aula, não só como conscientizadora, mas também como formadora de opiniões e críticos capazes de discernir sobre o que lhe faz bem ou mal, sem ser influenciado por terceiros (propagandas apelativas), e também conhecer seus direitos como trabalhador e consumidor.

Na educação física também se encontram problemas relacionados ao trabalho e consumo, principalmente relacionado ao esporte. A exploração precoce de atletas, o consumo de esporte-espetáculo, produtos e serviços voltados para obter a melhor forma física. A mídia também influencia, usando de imagens de astros esportivos para aumentar ainda mais seu número de consumidores.

A educação física entra com a responsabilidade de oferecer elementos que auxiliem o aluno a refletir sobre as questões sobre trabalho e consumo e a reação do corpo a tantas imposições.

Darido et. al. (2006) em discussão sobre a educação física e os temas transversais, apontam que:

Convém, antes de elaborar tais questões com os alunos, refletir sobre o que é mais valorizado nas aulas de Educação Física pelos professores e pela sociedade, de modo geral. E refletir, sobretudo, de onde vem essa valorização, de qual ideologia. Em última análise, questionando para que serve a Educação Física Escolar: formar cidadãos, atletas ou consumidores ingênuos? Preparar para o convívio social de modo autônomo e crítico, para uma iniciação esportiva ou para acompanhar as últimas modas relacionadas às atividades físicas? Faltou referenciar

Fica a critério de cada professor a forma de trabalho e quais temas a serem discutido nas aulas. Neste estudo que visa a produção de um vídeo didático, o tema escolhido para se tratar o trabalho e consumo foi a exploração mão-de-obra barata e o marketing feito com a imagem do basquetebol pela Nike, duas questões que não trabalham a prática física com os alunos, porém desenvolve a reflexão crítica dos alunos para as situações que se encontram diariamente na sociedade.

3.5.1 A Nike

O esporte é considerado atualmente um dos investimentos econômicos mais lucrativos, e crescentes para a globalização, o que atrai muitas corporações empresariais e a construção de uma nova forma de administração: o *marketing* esportivo.

KOTLER (1995, p.03) define Marketing como “o processo social e gerencial através do qual indivíduos e grupos obtêm aquilo que desejam e que necessitam, criando e trocando valores uns com os outros.”

O marketing esportivo se apresenta de duas formas: o *marketing* do esporte (dos produtos e serviços esportivos), e o marketing através do esporte (atividades ou produtos que fazem uso do esporte como veículo promocional) (PRONI, 1998, p.83).

O marketing esportivo inclui as estratégias de gestão, comercialização, divulgação, nas áreas que se concentra o comércio esportivo, como os clubes, academias, ligas esportivas, atuando com atividades de *merchandising*, patrocínio e licenciamento que associam equipes ou atletas a certas marcas. Ele se expande cada vez mais, e se alia ao esporte-espetáculo, servindo de instrumento de propaganda para empresas dos mais variados setores econômicos. Entre estas, as que mais se destacam são as de roupas e calçados, bebidas e alimentos, que usam do discurso do “saudável”, do “conforto”, e dos “melhores desempenhos”, para venderem cada vez mais produtos.

Neste atual universo mercadológico, o processo de criar, estabelecer e gerenciar imagens e percepções por meio das quais o consumidor se relaciona com um produto ou uma empresa é a chave do sucesso. As marcas não vendem mercadorias, mas uma idéia, um estilo, um conceito, um sonho. KLEIN (2003) aponta os efeitos negativos deste mecanismo na cultura, no trabalho, na educação e nas escolhas do consumidor e principalmente como as empresas multinacionais convertem o mundo em uma oportunidade de marketing.

Muitos fabricantes de materiais esportivos, a partir da década de 90, passaram a investir massivamente no mercado esportivo internacional, sendo o grande destaque a Nike, que ampliou seu mercado, assumindo uma posição acima das outras, e ocupando um lugar que antes era da Adidas.

Proni (1998), em um de seus trabalhos sobre marketing esportivo, cita a Nike:

O conceito de *marketing* da Nike inclui o desenvolvimento de produtos com o aval de atletas como Pete Sampras, Tiger Woods, Michael Johnson e Ronaldinho, além de campanhas específicas em países da Ásia, Europa e América do Sul. Em 1996, a

Nike gastou cerca de US\$ 100 milhões com patrocínio a atletas e entidades esportivas de várias partes do mundo, buscando ampliar seus mercados. E de fato tem conseguido, pois as suas vendas globais alcançaram a casa dos US\$ 5 bilhões (p. 85).

O basquete é um dos esportes mais explorados, do ponto de vista publicitário, pela Nike. A empresa usa da imagem de jogadores para aumentar poder venda de seus produtos, dando a alusão de que se o consumidor tiver aquele tênis poderá jogar melhor, saltar mais alto, e quem não sabe até voar. Um dos maiores astros da NBA, Michael Jordan tinha sua própria linha de tênis: O *Air Jordan*.

Em 2004 a NBA e a Nike chegaram a um acordo para ampliar sua aliança de marketing e expandir a presença do basquete ao mundo todo, de acordo com um comunicado emitido pela própria Liga (UOL, 2004).

A empresa investe US\$ 100 milhões por ano na promoção de atletas famosos, porque acredita que não deve promover tênis, mas sim os ideais esportivos da determinação, do esforço individual, do auto-sacrifício e da vitória (VASCONCELOS FILHO, 2001, p.37).

“Tênis não é nada na Nike”. Este é o título da reportagem da revista Exame onde Philip Knight, fundador da Nike, afirma que não vende calçados esportivos. O seu negócio é vender atitude. Daí o famoso slogan “*just do it*”. Philip transformou a marca Nike em lazer e moda. Com esse entendimento de marketing, a Nike conseguiu se destacar como uma das 10 marcas mais conhecidas dentre as 1.200 marcas famosas dos Estados Unidos. (REVISTA EXAME, 1996)

O fato de a Nike arrecadar bilhões por ano não se resume apenas à sua super estratégia de marketing e vendas milionárias de produtos.

A Nike é criticada por explorar trabalhadores de países subdesenvolvidos, como Indonésia e China. Suas campanhas são muitas vezes criticadas, principalmente em protesto pelas condições precárias de trabalho e a exploração de mão-de-obra barata que seus operários se encontram. A empresa costuma empregar em países sem legislação trabalhista adequada e com incentivos fiscais.

Kein cita em seu livro que:

Corporações como a Nike ou a Gap são exemplos de conglomerados que entregam sua manufatura a fábricas que não lhes pertencem na América Latina e na Ásia, terceirizam a mão-de-obra, economizam em custos trabalhistas, protagonizam escândalos e denúncias de exploração. (2003, pag. 39)

Kein denunciou publicamente que a Nike pagou a Michel Jordan, em 1992, 20 milhões de dólares – mais do que a empresa gastou com todos os seus 30 mil trabalhadores na Indonésia e revela o processo de traição das promessas centrais da era da informação: opções, interatividade e liberdade crescente.

Outras críticas aparecem no documentário de Michael Moore titulado “The Big One”⁴, em que o diretor entrevista o dono da Nike, Phil Knight. Max Barry ironizou a reputação de uma campanha da Nike através de críticas em seu romance “Jennifer Government”⁵, na qual um executivo da Nike imoral é o vilão da história responsável pelo financiamento do golpe militar de 1964, no Brasil.

Apesar de sua reputação, a Nike ainda continua a vender seus produtos e a investir muito em propagandas que influenciam os jovens ao consumismo.

A escola é a principal entidade responsável pela formação do ser humano relacionado com os direitos e deveres da nossa sociedade, e com a ajuda dos temas transversais, principalmente o tema trabalho e consumo, podem conscientizar seus alunos a uma prática consumista sem exageros. Esta conscientização pode se dar através dos vídeos educacionais e a própria prática esportiva.

Este estudo tem o objetivo de produzir um vídeo didático sobre o consumismo, a história da Nike, a utilização do basquete como um meio de marketing para a marca e como a Nike trata seus trabalhadores em empresas asiáticas. O vídeo propõe um debate, em que alguns alunos são a favor da Nike e outros contra, que estimula a reflexão sobre o assunto e a busca de novos dados, principalmente pelo lado a favor, pois no vídeo há basicamente críticas contra a Nike. O professor fica responsável pelo veredicto final se a Nike é culpada ou inocente.

Por estar envolvida com assuntos tão polêmicos do dia-a-dia, e estar diretamente relacionada com o tema trabalho e consumo, é que a Nike foi escolhida para ser o tema do vídeo produzido neste estudo.

⁴.MOORE, M. The Big One. Estados Unidos: BBC, 1997

⁵ BARRY, M. Jennifer Government. New York: Doubleday, 2003

4. MATERIAIS E MÉTODOS

A Metodologia que utilizamos é de natureza qualitativa do tipo descritiva. Metodologia é entendida aqui como o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, indagando e questionando acerca de seus limites e possibilidades (DEMO, 1989). A metodologia é, pois, um instrumento a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica. (MARTINS, 2004).

Tendo em vista o objetivo proposto, na primeira etapa dessa pesquisa realizou-se levantamento bibliográfico, que segundo Parra & Santos (1997), permite um conhecimento prévio dos assuntos que serão abordados. Foram abordados os seguintes temas: Mídia e educação, material didático na Educação Física, e as Temas Transversais na educação Física, com ênfase no basquetebol. A discussão sobre essas temáticas auxiliou na reflexão sobre o papel da Educação Física na escola e as possibilidades de utilização do material a ser desenvolvido em uma aula.

Esta revisão também serviu de base para a criação de dois roteiros para a elaboração dos vídeos didáticos.

Na segunda etapa da pesquisa elaborou-se os dois materiais didáticos em forma de vídeo. Cada vídeo tem em média 10 minutos de duração, sendo um sobre o assunto basquetebol em cadeira de rodas, e outro sobre a Nike e a exploração de trabalho em suas fabricas nos países asiáticos. Para tanto realizou-se um levantamento de recursos na internet.

Buscas de imagens, fotos e texto a cerca dos assuntos foram feitas em sites de busca (Google⁶), já os vídeos utilizados no material foram retirados de sites como o YouTube⁷.

O vídeo sobre basquete em cadeira de rodas aborda como parte conceitual a história da atividade física adaptada, o surgimento do basquete em cadeira de rodas, as regras; na parte atitudinal atinge a discussão da inserção do deficiente físico nos esportes; e na parte procedimental, propõe a criação de painéis expositivos pela escola sobre o conteúdo aprendido.

O vídeo sobre a Nike aborda como conteúdo conceitual a história da Nike; na parte atitudinal aborda a questão da exploração dos trabalhadores das fábricas da Nike, o consumismo e a ação da mídia sobre as pessoas; e na parte procedimental, o vídeo propõe, além da exposição de painéis, um debate na sala, em que um grupo seja a favor da Nike e o outro contra.

Na terceira etapa da pesquisa realizou-se a avaliação desse material junto a um grupo de alunos. Para essa avaliação optamos pela metodologia qualitativa, com atenção especial para o grupo focal.

A pesquisa com natureza qualitativa se resume a fenômenos que só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva holística. Esta metodologia leva em consideração os componentes de uma dada situação em suas interações e influências recíprocas, o que exclui a possibilidade de se identificar relações de tipo estatístico.

Outra característica importante da metodologia qualitativa consiste na heterodoxia no momento da análise dos dados. A variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva. (MARTINS, 2004)

A metodologia do grupo focal caracteriza-se à discussão em grupos sobre situações complexas e tem por objetivo revelar experiências, percepções e preferências. É recomendado para pesquisa de campo, já que, caracteriza-se por buscar respostas acerca do que as pessoas pensam e quais são seus sentimentos pouco tempo e baixo custo, permite uma diversificação e um aprofundamento dos conteúdos relacionados ao tema de interesse (CHIESA, CIAMPONE, 1999).

⁶ www.google.com.br

⁷ www.youtube.com.br: site onde as pessoas podem colocar vídeos que ficam disponíveis na internet.

No caso específico dessa pesquisa, convidamos 10 alunos do 9º ano do ensino fundamental para avaliar a aceitação dos vídeos como estratégia de ensino para uma aula de Educação Física.

O encontro aconteceu em uma escola pública do município de Rio Claro. Neste encontro foi apresentado aos alunos o vídeo sobre basquete em cadeira de rodas e em seguida, o vídeo sobre a Nike. Após a apresentação dos vídeos, foi iniciada uma discussão para verificar a aceitação do material pelos alunos. Esta discussão foi conduzida através de um roteiro com questões para a avaliação. Este questionário serviu apenas para o pesquisador administrar o desenvolvimento da discussão, não sendo divulgado para os alunos.

Questões elaboradas para a discussão em grupo focal

- 1) Se o professor de Educação Física chegasse e dissesse que a aula daquele dia não seria na quadra, qual seria a reação de vocês?
- 2) Qual seria a reação de vocês se ele dissesse que nesta aula seriam trabalhados conteúdos em forma de vídeo?
- 3) Aulas com exposição de vídeos costumam ser interessantes?
- 4) Os vídeos assistidos têm relação com Educação Física?
- 5) Os vídeos têm relação com os Temas Transversais propostos?
- 6) Vocês absorveram informações do vídeo?
- 7) Vocês mudariam alguma coisa nos vídeos?
- 8) No final de cada vídeo são propostas atividades para colocar em prática o que foi aprendido. Essas atividades se enquadram em uma aula de Educação Física?
- 9) É interessante haver mais discussões dentro das aulas de educação física?

Toda a conversa com os alunos foi gravada para que fosse possível analisar as falas posteriormente.

5. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seguir apresentaremos os resultados alcançados através da associação entre o que encontramos na bibliografia específica e o que coletamos na avaliação em Grupo Focal.

No encontro para a discussão, primeiramente foi passado os dois vídeos a um grupo de 10 participantes, em seguida, os estes foram instigados, através de perguntas, a falar sobre o que sentiram e pensavam sobre os assuntos abordados nos vídeos. As perguntas eram feitas a cada fim de discussão.

A partir da leitura das falas dos participantes, foi possível classificar os resultados em duas categorias de análise. As categorias elencadas foram as seguintes: aceitação do material didático vídeo, como estratégia de ensino e aceitação do material didático vídeo, como conteúdo de aprendizagem.

Dentro da segunda categoria, subdividimos os assuntos em: Temas Transversais, conteúdo para Educação Física e conteúdo procedimental.

5.1 Aceitações do Material Didático Vídeo como estratégia de ensino

Esta categoria abordou as falas e as reflexões correspondentes à aceitação do material como estratégia de ensino. Aspectos nessa temática estiveram bastante presente nas falas dos participantes no decorrer do encontro do Grupo Focal. A partir destas, obtivemos algumas comentários significativos para a avaliação final do material.

Várias perguntas foram feitas durante a discussão para melhor conduzir-la. Em uma dessas, foi questionada qual seria a reação dos participantes se o professor de Educação Física chegasse e dissesse que a aula daquele dia não seria na quadra. A resposta foi a não aceitação.

A gente não ia gostar, porque a semana inteira a gente fica dentro da sala, escrevendo e essas são as duas aulas que a gente tem pra sair da sala (Anexo-III).

A partir desta discussão, percebemos a total aversão dos alunos a ficarem dentro da sala em uma aula de Educação Física. Então, como forma de reverter estas opiniões, perguntamos qual seria a reação deles se o professor, ou invés de ir para quadra, desse o conteúdo em vídeo. Porém, mesmo propondo algo interessante, como a veiculação de um novo material, a vontade dos alunos de irem para a quadra se faz mais forte, especialmente pela afirmação de um dos participantes a enfatizar que:

A teoria seria interessante trabalhar com vídeos, porém a prática deve ser na quadra (Anexo-III).

Podemos associar esta idéia com a aplicação do currículo tradicional-esportivo proposto por Rangel-Betti (1996) que realça as chamadas disciplinas "práticas" (especialmente esportivas). Segundo a autora, neste currículo, "há separação entre teoria e prática. Teoria é o conteúdo apresentado na sala de aula (qualquer que seja ele), prática é a atividade na piscina, quadra, pista, etc" (1996, pag.10). A maioria dos professores de Educação Física utilizam deste currículo para desenvolver suas aulas, o que fez se tornar um hábito pelos alunos a acreditar que aulas de Educação Física só podem ser trabalhadas na quadra, este estilo de ensino não se encaixa nesta pesquisa. Esta pesquisa tem como base os PCNs elaborados para a Educação Física, e segue a proposta que:

[...] procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. Incorpora, de forma organizada, as principais questões que o professor deve considerar no desenvolvimento de seu trabalho, subsidiando as discussões, os planejamentos e as avaliações da prática de Educação Física (BRASIL, 1997b, pag. 15)

Ainda, "na Educação Física escolar, por conta de sua trajetória histórica e da sua tradição, a preocupação do docente centraliza-se no desenvolvimento de conteúdos de ordem procedimental" (DARIDO et.al, 2001, pag.21). Acreditamos que a tradição prática da Educação Física ainda é bastante presente no cotidiano das aulas, contudo ao menos do nível do discurso as novas proposta da EF tentam superar essas limitações, sendo que a utilização de estratégias pedagógicas baseadas nas novas tecnologias da informação podem colaborar com a transformação dessa realidade.

Darido et.al (2001) citam que:

Os PCNs da área da Educação Física sugerem que as atitudes, os conceitos e os procedimentos dos conteúdos sejam trabalhados em toda a dimensão da cultura corporal, envolvendo, dessa forma, o conhecimento sobre o corpo, esportes, jogos, lutas, ginásticas, atividades rítmicas e expressivas (BRASIL, 1998 in DARIDO et. al., 2001).

Assim como no objetivo, acreditamos que os vídeos são uma alternativa de se trabalhar usando as formas conceitual, procedimental e atitudinal e os conteúdos tradicionais da Educação Física juntamente com os Temas Transversais, porém fora do ambiente tradicional de trabalho.

Acreditamos que as aulas de Educação Física são um meio de se praticar a reflexão, porém não discordamos que, ainda sim, as práticas esportivas devem ser trabalhadas, mas dando abertura a novas discussões, que muitas vezes não estão simplesmente no esporte.

Perguntado se as aulas em vídeo fossem trabalhadas somente duas ou três vezes por mês, apenas se um novo conteúdo fosse começar, ou quando um assunto não tivesse como ser trabalhado em quadra, a opinião dos participantes mudou. Notamos neste momento que, apesar da aversão no primeiro contato, quando propusermos algo específico sobre a aula em vídeos, aceitação positiva do material foi demonstrada por todos. Neste momento uma participante se manifestou propondo que o material poderia ser usado como estratégia para os dias de chuva, o que também foi aceito por todos.

A proposta de se ter aulas com vídeos periodicamente agradou aos alunos e nos mostrou que estes estão abertos a novas formas de se trabalhar a Educação Física.

Continuando a reflexão, perguntamos aos participantes se estes gostavam de ter aulas com exposição de vídeos.

Notamos neste momento que os vídeos são apreciados pelos alunos, pois, apesar de um participante citar que não gostava de assistir documentários, os outros alunos concordaram que vídeos são legais, principalmente os filmes, e que conseguem associar melhor a matéria assistindo um.

Eu gosto de assistir filmes nas aulas, porque a gente consegue associar coisas do filme com a matéria que a gente ta tendo (Anexo-III).

Segundo Morán (1995), “o vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, de entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula” (pag.27).

A aceitação dos vídeos, muitas vezes está ligada à saída do aluno da sala de aula, por esse motivo, Morán (1995) completa que, “vídeo, na concepção dos alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura e as expectativas em relação ao seu uso. Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico” (pag.28).

Em seguida, perguntamos aos participantes se estes concordavam ser interessante haver mais discussões dentro das aulas de Educação Física, ou se Educação Física só poderia ser trabalhada em quadra, sem discussões. Um aluno apenas respondeu que Educação Física só servia para jogar, porém os outros concordaram que deve haver novas discussões e que os conteúdos devem ser variados, assim como indica os PCNs quando propõe os temas transversais.

A gente fica tão preso em esportes que a gente já pratica, tipo futebol ou vôlei, mas tem vários tipos de esporte de outros países que a gente não conhece. Então, tem que conhecer. Por exemplo, o basquete em cadeira de rodas (Anexo-III).

Ao final da análise desta categoria percebemos que, a aceitação do vídeo em aulas foi positiva, apenas com veiculações periódicas. Apesar de nos depararmos em alguns momentos com a rejeição, acreditamos que esta esteja ligada ao histórico que a Educação Física vem passando. Porém, os alunos estão abertos a vivenciar novas atividades dentro da aula, prova disto é a reflexão dos próprios participantes, que se mostraram dispostos a vivenciar algumas aulas com exposição de vídeos e acreditam que se deva discutir sobre novos assuntos na Educação Física.

5.2 Aceitações do Material Didático Vídeo como conteúdo de aprendizagem

Nesta categoria analisamos, a partir da reflexão em Grupo Focal, a aceitação do material didático produzido, como conteúdo de aprendizagem em aula. Este conteúdo foi dividido em três formas: se o material consegue abordar os Temas Transversais sugeridos; se o material consegue servir de conteúdo para a Educação Física, ligado diretamente ao basquetebol; e se as propostas do conteúdo procedimental recomendadas nos vídeos servem para a Educação Física.

- Temas Transversais

Para começarmos a discussão, foi perguntado aos participantes se estes possuíam algum conhecimento sobre Temas Transversais e a resposta unânime foi “não”. Discursamos brevemente sobre o que eram os Temas.

Os temas transversais são temas que devem ser trabalhados em todas as matérias da escola, inclusive a Educação Física. Esses temas são: Ética, Trabalho e Consumo, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural. Eles foram escolhidos por causa da grande demanda de informações que envolve eles hoje na nossa sociedade (Anexo-III).

Perguntamos se os vídeos se relacionavam com algum dos Temas e felizmente os participantes souberam dizer corretamente os que envolviam os vídeos. Ainda, sugeriram que o Tema, Ética, também poderia estar vinculado a eles, o que podemos considerar correto, pois segundo Darido et.al (2006), “a reflexão a respeito da ética na escola traz à margem discussões e críticas sobre a liberdade de escolha, sobre a legitimidade da prática e dos valores consagrados pela tradição e pelo costume e sobre as relações interpessoais” (pag. 46).

Considerando esta definição, o vídeo sobre a Nike mostra como as propagandas podem influenciar pessoas, o que poderia ser abordado em Ética, com o questionamento da liberdade de escolha.

Após este momento, foi questionado se os vídeos abordavam bem os dois temas. Todos se demonstraram favoráveis à afirmação. Um exemplo disto são os comentários a seguir:

Principalmente o da Nike que mostrou que as pessoas só querem e querem comprar, nunca tão satisfeitos. O do basquete também, que mostra que tem que dar espaço pras pessoas que são deficientes. Eles têm o mesmo direito que a gente (Anexo-III).

Os participantes, aparentemente, se envolveram mais na questão do consumismo, enquanto que a questão da exploração do trabalho, também abordada no vídeo, não foi tão comentada durante a reflexão. Talvez, o fato de o vídeo conter muitas informações fez com que os participantes se ativessem mais às imagens do consumismo, que é apresentado no começo do vídeo, enquanto que, no final do vídeo, quando se tratava da exploração, a atenção dos alunos já deveria estar dispersa.

Com relação ao vídeo sobre pluralidade cultural, os alunos se mostraram mais atentos à questão da inclusão dos deficientes na sociedade, do que com a história e as regras do esporte. O fato dos participantes terem uma maior atenção sobre a inclusão pode ter sido

ocasionada mais pelas imagens apresentadas, do que pelas informações narradas. Apesar do vídeo não fazer menção sobre o assunto explicitamente, as imagens de homens e mulheres, de variadas idades, sentados em cadeiras de roda, vivendo uma vida normal, praticando um esporte, servem de motivação para se discutir sobre o papel do deficiente na sociedade.

Acreditamos que, não só no vídeo de basquete em cadeira de rodas, mas também no vídeo sobre a Nike, os participantes se atentaram mais as imagens. A maioria comentou mais sobre cenas específicas, que chamaram a atenção, e que não havia falas do narrador, como por exemplo:

[...] e parece ser difícil jogar, não pode nem levantar da cadeira (Anexo-III)

O vídeo do basquete foi bem motivador, na parte que mostra o homem andando com as mãos, que mesmo sendo deficiente eles fazem coisas que a gente não faz (Anexo-III).

O da Nike mostrou que a gente só pensa em comprar, e não sabe nem onde o produto foi feito (Anexo-III).

Segundo Morán “o jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender: Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. Lê, vendo” (1995, pag. 29).

Ainda, Almeida (2001) nos coloca que:

Na projeção de um filme ou na televisão qualquer coisa ou pessoa que apareça está sendo vista e não lida ou escutada. Essa proximidade real das imagens tem uma configuração muito próxima da oralidade, o que explica, em parte, o fato de que as imagens são, às vezes, mais forte do que um texto (pag. 9).

Porém, a imagem representada não poderá dizer tudo: não é a imagem, senão o leitor quem realizará a integração da problemática da verdade no discurso ou na proposta visual (VILCHES, apud RAHDE, 2000). Cada espectador/leitor de imagens possui diferentes graus da realidade, e assim, cada imagem também será observada e interpretada de maneira diversa.

Sendo assim, considerando a análise da reflexão em grupo focal e as referências utilizadas, acreditamos que os vídeos conseguem transmitir idéias sobre os dois Temas abordados, e que estas estão facilmente ligadas às imagens contidas no material.

- Conteúdo para a Educação Física

Da avaliação do vídeo como transmissor dos Temas Transversais propostos, passamos a avaliação do material como conteúdo de aprendizagem para a Educação Física.

Os participantes discutiram que o vídeo sobre basquete em cadeira de rodas é uma forma de se aprender mais sobre a modalidade e que estaria facilmente ligada a uma aula de Educação Física, como uma nova prática esportiva, vinculada ao basquetebol.

Isto mostra que os alunos entendem o basquete de forma ampla, não só enquanto a prática tradicional, mas também outras manifestações, como BCR. Ainda, ampliam o entendimento da Educação Física como componente curricular que tematiza a cultura corporal de movimento em sentido amplo, que engloba outras dimensões do esporte, como é o caso do BCR, e não apenas referindo-se ao esporte profissional de alto rendimento. Ou seja, os alunos vislumbram uma Educação Física que a 10 anos atrás nem imaginávamos possível.

O vídeo sobre a Nike, por um momento, pareceu ter deixado em dúvida a aproximação com a disciplina, porém uma aluna se manifestou dizendo que a aproximação seria a da marca com os esportes. Desde um tênis, até a garrafinha de água do jogador.

A Nike é uma fábrica que faz vários produtos para o esporte. E o esporte é o que a gente faz na Educação Física (Anexo-III).

Segundo Setton (2002):

A escola como instituição, seus currículos, professores e profissionais da educação em geral, não podem deixar de se preocupar com as peculiaridades da prática educativa contemporânea. Ou seja, a educação no mundo moderno não conta apenas com a participação da escola e da família. Outras instituições, como a mídia, despontam como parceiras de uma ação pedagógica. Para o bem ou para o mal, a cultura de massa está presente em nossas vidas, transmitindo valores e padrões de conduta, socializando muitas gerações (pag. 109).

As marcas, de um modo geral, fazem parte desta cultura de massa contemporânea, impondo padrões e valores na sociedade. A Nike, como uma empresa de materiais esportivos, esta diretamente ligada aos esportes e, incentivando, para o bem ou para o mal, o consumo de seus produtos na prática esportiva. Seja no basquete, ou em outras modalidades, as marcas possuem grande influência sobre os adolescentes que a praticam. Esta influencia está relacionada com o grande volume de informação veiculado pelas mídias e que atinge a todos, desde o garoto com baixo poder aquisitivo, até os mais bem posicionados financeiramente na sociedade.

Segundo Silva e Souza (2004), “as roupas e os tênis aparecem como principais objetos para descrever o interesse que os adolescentes têm por marca. As roupas ligadas ao esporte

são as mais utilizadas e preferidas [...]”, tanto os adolescentes com poder aquisitivo, como aqueles sem poder aquisitivo, se mostraram influenciados pelos estímulos das marcas.

Os mesmos autores consideram que:

[...] o poder da comunicação, o excesso de informação e de opções de escolha, o desconhecimento de técnicas e ferramentas de marketing tornam os consumidores vulneráveis. No entanto, entende-se que se os adolescentes fossem informados e estimulados a pensarem sobre marca, qualidade, preço e comunicação, poderiam no futuro tornarem-se consumidores exigentes e conscientes quanto ao consumo (SILVA e SOUZA, 2004).

Por esse motivo, assuntos como mídia, consumo exagerado, marketing, entre outros, envolvendo os esportes principalmente, podem e devem ser discutidos nas aulas de Educação Física.

Com base nestas análises, concluímos que os vídeos, tanto o basquete em cadeira de rodas, como o da Nike, conseguem abordar temas discutíveis em uma aula de Educação Física.

- **Conteúdo procedimental**

No final de cada vídeo, é proposto atividades para se colocar em prática o que foi absorvido de conhecimento, tanto na sala de aula como na instituição escolar. Os dois vídeos propõem a produção de painéis para a exposição do conteúdo aprendido pela escola.

O vídeo da Nike, em específico, propõe um debate na sala de aula, em que um grupo seja a favor da Nike, e outro contra. Este tipo de atividade pode incentivar os alunos a pesquisarem além do tema discutido, gerando mais conhecimento.

A questão desta parte procedimental sugerida pelo vídeo foi colocada em discussão, e os participantes aprovaram este formato de aprendizagem, destacando a participação do grupo como um todo para se colocar em prática a atividade sugerida.

A proposta é legal, principalmente do debate. A sala inteira acaba participando, e a gente acaba tendo que pesquisar mais (Anexo-III).

A dimensão procedimental relaciona-se a tomar decisões, construir instrumentos para analisar processos e resultados obtidos e executar.

Para César Coll (1992), trata-se de ações ordenadas e orientadas para a realização de uma meta. A dimensão procedimental é o “saber fazer”, através da elaboração e da participação em ações ou decisões. Nesta dimensão o processo de aprendizagem é composto por uma seqüência ordenada de passos, nos quais participam técnicas, estratégias e métodos. Ensinar procedimentos equivale a ensinar meios de fazer; são ações organizadas para que se obtenham determinados objetivos, resultados.

Coll (1992) também propõe algumas sugestões de técnicas de intervenção para a mudança de atitudes, como: dramatizações, diálogo, discussões, exposições em público e tomada de decisões. Todas essas técnicas têm um objetivo principal: conseguir que os ensinamentos permaneçam nos alunos, que influenciem uma reflexão sobre suas atitudes e valores diante das mais diversas situações que irá enfrentar em sua vida.

A dimensão procedimental vai além do fazer e jogar os esportes, mas também está relacionados a produção de painéis, à tarefa de pesquisa. Tais atividades podem ser encaminhadas a partir dos vídeos, ou então que, os alunos sejam convidados a produzir seus próprios vídeos, o que seria uma possibilidade de aprendizagem não só na questão procedimental, mas também atitudinal e conceitual.

Considerando a reflexão dos participantes e as referências pesquisadas, acreditamos que a proposta procedimental do vídeo está de acordo com sugestão dos PCNs e se enquadra nas aulas de Educação Física.

Ao longo da discussão, os participantes sugeriram temas que poderia ser abordados além dos evidenciados em cada vídeo.

Nos basquete em cadeira de rodas se discute a inclusão social, a questão da deficiência. Apesar da deficiência, eles também podem fazer coisas que a gente faz (Anexo-III).

O da Nike pode se falar do consumo, as propagandas e a mídia (Anexo-III).

A partir destas informações, consideramos que os participantes conseguiram absorver informações relevantes na apresentação, pois, associaram assuntos não comentados nos vídeos, porém incluídos de forma subjetiva em cada um.

Aparentemente, os vídeos foram bem aceitos nos aspectos analisados (o material como estratégia de ensino e como estratégia de conteúdo de aprendizagem). Apesar disto, não acreditamos que, em uma aula somente com a exposição dos vídeos, sem a intervenção do professor, faça os alunos aprenderem ou absorverem as questões relevantes. O professor deve

ser o mediador desta aula, saber do que se trata o material, estudar sobre o assunto, para assim poder aplicá-lo como conteúdo. O material por si só não se faz um bom instrumento de aprendizagem.

Gadotti (1993) afirma que "a educação sendo essencialmente a transmissão de valores, necessita do testemunho de valores em presença. Por isso, os meios de comunicação e a tecnologia não podem substituir o professor".

O vídeo só deve ser utilizado como estratégia quando for adequado, quando puder contribuir significativamente para o desenvolvimento do trabalho. Nem todos os temas e conteúdos escolares podem e devem ser explorados a partir da linguagem audiovisual. A cada conteúdo corresponde um meio de expressão mais adequado. "Cada canal de comunicação codifica a realidade de maneira diferente e influi de forma surpreendente no conteúdo da mensagem comunicada. Um meio não é somente um envelope que contém uma carta : é, em si mesmo, uma importantíssima parte da mensagem" (CARPENTER, apud MANDARINO, 2002).

Por esse motivo, os professores podem utilizar algumas estratégias para aproveitar ao máximo as informações do material.

O vídeo traz uma abundância de informações que, se o professor não trazer a tona, acaba em um aprendizado vago. Todas as informações devem ser citadas, não só os elementos marcantes no filme, como também os elementos implícitos, seguindo a lógica dos temas que o professor pretende abordar.

Na concepção de Ausubel (2003), para que aconteça uma aprendizagem significativa, em relação a um determinado assunto, são necessárias três condições: 1) o material da aprendizagem, que deve estar organizado e de fácil compreensão; 2) a relação feita pelo educando entre o material usado e os conhecimentos que já dispõe; 3) a motivação e o esforço do educando. Considerando estas condições, o conhecimento que se adquire de forma significativa é retido e lembrado por mais tempo, nesta perspectiva, as dimensões de conteúdo podem contribuir para essa aprendizagem significativa.

Morán (1995) indica várias formas de se trabalhar com vídeos em uma aula. Durante a apresentação: Anotar as cenas mais importantes; Observar as reações do grupo. Depois da apresentação: Rever as cenas mais importantes ou difíceis; Se o vídeo é complexo, exibi-lo uma segunda vez, chamando a atenção para determinadas cenas, para a trilha musical, diálogos, situações; Passar quadro a quadro as imagens mais significativas; Observar o som, a música, os efeitos, as frases mais importantes.

Desta maneira, considerando os aspectos aqui ditos, concordamos que o material produzido foi bem aceito pelos alunos, tanto como forma de estratégia de ensino, como estratégia de aprendizagem, porém, este material deve ser utilizado de maneira consciente pelos professores, aproveitando ao máximo o que o material tem para oferecer.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área de Educação Física Escolar parece ainda não disponibilizar de materiais didáticos em números e quantidade suficiente às demandas dos professores. Muitos utilizam exclusivamente seqüências pedagógicas pré-estabelecidas, poucas vezes se atentando para as dimensões conceituais e atitudinais, se preocupando apenas com os conteúdos procedimentais. Quando a questão é a inovação com as tecnologias atuais, a Educação Física parece excluída.

Os materiais didáticos são instrumentos que auxiliam o professor com conteúdos e referências para tomada decisões, tanto na intervenção direta do processo de ensino-aprendizagem, quanto no planejamento e na avaliação, ou seja, são os meios que apóiam os docentes a resolver os problemas presentes no planejamento, execução e avaliação das aulas (DARIDO et.al. 2008).

Pensando na questão da necessidade de se produzir mais materiais didáticos e, a inclusão de novos meios de se ensinar as expectativas dos conteúdos nesta área, o objetivo deste projeto foi elaborar um novo tipo de material didático para educação física, usando a tecnologia audiovisual.

O fato de os materiais serem em forma de vídeo vem da necessidade de se aproximar o ensino das novas tecnologias existentes. Acreditamos, assim como relata Oliveira (2003) que, é inegável uma aproximação por parte dos estudantes à “*cultura mediática*”, principalmente pela perda de espaço da escola para a televisão, o videogame, o rádio e outras formas de acesso à informação.

Este material consiste em vídeos que discutem assuntos como o basquetebol em cadeira de rodas, o marketing esportivo e a mão-de-obra barata usada pela empresa Nike. Assuntos relacionados com os Temas Transversais e veiculados á prática do basquetebol.

Em um segundo propósito desta pesquisa, estivemos interessados em investigar a aceitação do material como estratégia de ensino e conteúdo de aprendizagem avaliando na forma de Grupo Focal alunos de 9º ano de ensino fundamental.

Na análise do material com estratégia de ensino, consideramos que, a partir da reflexão dos alunos, o material foi bem aceito para ser utilizado nas aulas de Educação Física. Porém essa veiculação seria periodicamente, quando um novo conteúdo fosse começado, ou em dias de chuva. Esta questão acabou surpreendendo, pois, considerando o histórico da disciplina na questão da abordagem somente de conteúdos procedimentais, e da aprovação dos alunos diante desta forma de trabalho, não esperávamos tamanha aceitação do material. Isto mostra que, aparentemente os alunos estão abertos a novas formas de aprendizagem dentro da Educação Física.

Na análise do material como conteúdo de aprendizagem, foram subdivididas categorias de avaliação: Temas Transversais; Conteúdo para Educação Física, associado ao basquetebol; e Conteúdo procedimental.

Em todos estes aspectos os materiais didáticos, Basquetebol em cadeira de rodas, e Nike, foram bem aceito pelos participantes

Apesar das aceitações, esperamos que o professor saiba utilizar o material de uma maneira proveitosa, integrando os conteúdos dos vídeos com a proposta de suas aulas.

Para garantir sua eficácia, citamos várias maneiras de se trabalhar com os vídeos; desde como deve ser a veiculação do material em aula, até como se trabalhar e discutir, apontando para as informações principais.

Acreditamos que, as novas tecnologias, associadas à educação, têm somente a acrescentar nas formas de aprendizagem tradicionais, utilizando as dimensões de conteúdo e ampliando o ciclo de discussões. Porém, tanto alunos, como professores, devem estar receptivos a este novo modelo de trabalho, para que juntos possam contribuir para a formação e transformação nas novas perspectivas da Educação Física Escolar.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. J. de. Imagens e Sons: a nova cultura oral. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ALVES, F. E. A imagem como linguagem pedagógica. Revista de educação CEAP, Salvador, v.11, nº 41, p. 67-79, jun. 2003.

ARAÚJO, P. F. de. Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, INDESP, 1998.

ASCHIDAMINI, I. M; SAUPE, R. Grupo Focal. Estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. Cogitare Enfermagem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPR, Curitiba, v.9, n. 1, p. 9-14, jan./jun., 2004.

AUSUBEL, D. P. Aquisição e Retenção de Conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano. 2003.

BATISTA, S. R.; BETTI, M. A televisão e o ensino da educação física na escola. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v.26, n.2, p.135-148, jan. 2005.

BELLONI, M. L. O que é mídia-educação. Campinas: Autores Associados, 2001.

BETTI, M. A janela de vidro: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papyrus, 1998.

_____ ; “Imagens em Ação”: Uma pesquisa-ação sobre o uso de matérias televisivas em programas de educação física do ensino fundamental e médio. Revista Movimento, Porto Alegre, v.12, n.2, p. 95-120, mai/ago. 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

_____ ; Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998a. 436 p.

_____ ; Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC / SEF, 1998b. 114 p.

BRASIL tem a pior distribuição de renda do mundo. Folha Online, São Paulo, 11 jun. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69318.shtml>>. Acesso em 20 set. 2009.

CARRAVETTA, L. TV: linguagem, produção cultural e o resgate da oralidade. Revista FAMECOS. Porto Alegre. n. 6, p. 117-133, jun. 1997.

CASTRO, M. A.S.; GOULARTE, R; MOREIRA, E. S.; REAMI, E. R. Infra-estrutura de suporte à editoração de material didático utilizando multimídia. Revista Brasileira de informática na Educação. v.1, p. 61-70, set., 1997.

_____ ; Inserção de multimídia como material didático em ambientes educacionais baseados em WWW. Material do Minicurso apresentado no Simpósio Brasileiro de Informática Educativa (SBIE). São José dos Campos, 1997.

COLL, C. et al. Os Conteúdos na Reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed. 1992.

COSTA, A. M. da; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio, 2004.

CHIESA, A. M.; CIAMPONE, M. H. T. Princípios gerais para a abordagem de variáveis qualitativas e o emprego da metodologia de grupos focais. A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva – CIPESC. Brasília: ABEN, 1999, p. 306-324.

DARIDO, S. C. et.al. A construção de um livro didático na educação física escolar: discussão, apresentação e análise. 2008. Disponível em: <<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2006/artigos/capitulo3/aconstrucao.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2009.

_____ et al. A Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.15, n.1, p.17-32, jan/jul. 2001.

_____ et al. Educação Física e temas transversais: possibilidades de aplicação. São Paulo: Mackenzie, 180 p. 2006.

_____ et al. Livro didático na Educação Física Escolar: luxo ou necessidade? Motriz (no prelo).

DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

FARO, J. S. Indústrias midiáticas brasileiras: um projeto de História. Revista Comunicação e Sociedade, n. 29, p.55-67, mar/jul, 1998.

FERRAZ, O. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade, a questão da pré-escola. Revista Paulista de Educação Física, supl. 2, p.16-22, 1996.

FERRÉS, J. Vídeo e Educação. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

FISCHER, R. M. B. Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade. Porto Alegre. 1996. 297 p. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GADOTTI, M. A escola e a pluralidade dos meios. Caderno Pedagógico Vídeoescola. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, n. 1, p. 34-36, nov. 1993.

IWBF. International Wheelchair Basketball Federation. Disponível em: <<http://www.iwbf.org>>. Acesso em: 15 jul. 2009

KLEIN, Naomi. Sem Logo: a tirania das marcas em um planeta vendido. Rio de Janeiro: Record. 3ed. 2003.

KOTLER, P.; ARMSTRONG, G. Princípios de Marketing. Englewood Cliffs, New Jersey, PrenticeHall Inc 1991 Traduzido, Rio de Janeiro, Prentice Hall do Brasil Ltda. 1993.

LEONI, C. F; ZAMAI, C. A. Análise das dificuldades de cadeirantes para a prática do basquetebol em cadeiras de roda. Movimento e Percepção. Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 9, p. 149-165, jul./dez. 2006.

LIRA, C. V; SACCO, M. R. A. Temas transversais X Educação Física: construindo caminhos para o aprendizado no ensino médio. Disponível em: <<http://www3.fe.usp.br/efisica/trabs/11.doc>>. Acesso em: 15 jul. 2009

MANDARINO, M. C. F. Organizando o trabalho com vídeo em sala de aula. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, [S.I.] v.1, n. 01, 2002.

MENDES, D. de S. Desvendando a Janela de Vidro: Relato de uma experiência escolar de mídia-educação e educação física. Anais do IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do esporte. Faxinal do Céu/PR, set, 2008.

MORÁN, J. M. O vídeo na sala de aula. Comunicação e Educação, São Paulo, n.2, p. 27-35, jan./abr. 1995.

MUNAKATA, K. Investigações acerca dos livros escolares no Brasil: das idéias à materialidade. In: VI Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana. San Luis Potosí. Anais do VI Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana, 2003.

NBA e Nike ampliam acordo mundial de marketing. UOL – Universo Online, São Paulo, 11 nov. 2004. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/basquete/ultimas/2004/11/11/ult1777u19904.jhtm>>. Acesso em 20 set. 2009

OLIVEIRA, M. R. R.; PIRES, G. D. L. O esporte e suas manifestações midiáticas, novas formas de produção do conhecimento no espaço escolar. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belo Horizonte/MG, set., 2003.

_____; O primeiro olha: experiência com imagens na educação física escolar. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Campinas. V.26, n.2, p. 117-133, jan., 2005.

PARRA, F. D. ; SANTOS, J. A. Monografia e apresentação de trabalho científico. São Paulo: Terra, 1997.

PEREIRA, S. da P. Mídia-educação no contexto escolar: Mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de Ensino Fundamental em Florianópolis. 2008. 260 f. Tese (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PRONI, M. W. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. Revista Conexões, v. 1, n.1, p. 82-94, 1998.

RAABE, A. L. A; ORTH, A. Ambiente para produção de material didático baseado na utilização de vídeos e internet. Anais p. 200-211, XXV Congresso Latinoamericano de Informática – CLEI99, Assunción – Paraguay, set, 1999.

RAHDE, M. B. Imagem – Estética moderna e pós-moderna. Porto Alegre: Ed.PUCRS, 2000.

RANGEL-BETTI, I. C., BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. Motriz, v.2, n.1, p. 10-15, jun., 1996.

REZER, C. dos R; COSTA, E. L. da. Uma análise das contribuições do basquetebol em cadeira de rodas para praticantes com deficiências. Disponível em: <<http://www.cbce.org.briwbf>>. Acesso em: 15 jul. 2009

SILVA, C. P.; SOUZA, A. S. O comportamento dos adolescentes frente às marcas. 2004. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2004/resumos/administracao/seminario/241.PDF>>. Acesso em: 30 set. 2009

TÊNIS não é nada na Nike. Revista Exame, n. 23, novembro, 1996, p. 70.

SETTON, M. G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 107-116, jan./jun. 2002.

SOUZA, M. T. C. C. Temas transversais em educação: Bases para uma educação integral. Educação e Sociedade, Campinas, v.19, n.62, abril, 1998.

TEIXEIRA, A. M. F; RIBEIRO, S. M. Basquetebol em cadeira de rodas: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

VASCONCELOS FILHO, P. Construindo estratégias para competir no século XXI. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001 12. ed.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

8. APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro Vídeo Basquete em Cadeira de Rodas

MATERIAL DIDÁTICO PLURALIDADE CULTURAL – BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS

ROTEIRISTA: PAULA SÚNEGA

FADE

SEQ. 1 – APRESENTAÇÃO

Musica: Tim Maia – Rational Culture 100 real

Logo UNESP – Universidade “Júlio de Mesquita Filho” (Fade)

Logo UNESP RIO CLARO – Instituto de Biociência (Fade)

Logo Educação Física (Fade)

Imagem: Bola de Basquetebol sobreposto o Texto: Trabalho de Conclusão de curso – Basquetebol X Temas Transversais – A produção de material didático audiovisual para a Educação Física Escolar (Fade)

Imagem: Quadra de Basquete (Fade)

Texto: Produzido por Paula Súnega (Fade)

Texto: Orientadora Suraya C. Darido (Fade)

Texto: Coorientador Heitor Rodrigues (Fade)

Texto: Pluralidade Cultural – Basquetebol em cadeira de rodas

FADE PARA:

SEQ.2 – DIVERSIDADE CULTURAL

Musica: Amelie Polain - “J’y Suis Jamias Alle”

Cenas lugares de São Paulo

Narrador (off):

A sociedade brasileira, devido a sua condição histórica de colonizada pelos portugueses, escravidão dos índios e negros, imigração de japoneses, italianos, alemães, entre outros, apresenta uma diversidade tanto cultural como social.

Esta diversidade esta presente em todos os lugares, seja nas ruas, nas escolas, nas famílias, e também nos esportes

CORTA

PARA:

SEQ.3 – DIVERSIDADE ESPORTIVA

Musica: Trilha do filme Pulp Fiction - “Misirlou”

Cenas de vários esportes

Narrador (off):

Cada esporte apresenta suas características peculiares, que as diferencia uma das outras, todas as pessoas podem se adaptar a um tipo de esporte, isto depende muitas vezes de suas características físicas.

Porem, apesar dessa grande variedade, ainda sim muitas pessoas são incapacitadas de praticar certos esportes.

FADE

PARA:

SEQ.4 – DEFICIÊNCIA FÍSICA

Musica: Pink Floyd - “The Great Gig in The Sky”

Cenas do crescimento de um jovem com deficiência

FADE PARA:

SEQ.5 – HISTÓRIA DA ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA

Parte 1

Musica: Trilha Amelie Polain - “Les Jours Tristes”

Cena: Fotos da Segunda Guerra Mundial, Feridos de Guerra, Enfermeiras

Narrador (off):

Após a segunda guerra mundial, mesmo em confrontos mortais, muitos homens sobreviveram, mas alguns sofreram as conseqüências da guerra. Muitos feridos de guerra acabaram perdendo seus membros e passaram a ser considerados inválidos para a sociedade da época.

Parte 2

Cena: Imagens do Hospital Stoke Mandeville, Lançamento de disco adaptado, animação com esportes adaptados

Narrador (off):

Para mudar esta idéia e reintegrar estes homens à sociedade, uma cidade da Inglaterra criou um centro de reabilitação para os feridos de guerra. O hospital Stoke Mandeville passou a ser referencia mundial na reabilitação de deficientes, esta reabilitação envolvia basicamente as atividades físicas adaptadas, que deram origem aos Esportes adaptados.

Entrevista:

Um esporte hoje para o deficiente é vida, “se vê” quanta gente “ai” parada em casa deficiente querendo se esforçar. Foi o meu caso inclusive.

FADE PARA:

SEQ.6 – HISTÓRIA DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS

Parte 1

Musica: Trilha do filme Pulp Fiction - “Jungle Boogie”, “Surf Rider”

Cena: Imagens de lances da NBA, Imagens do time juvenil do Brasil de basquete em cadeira de rodas.

Narrador (off):

O basquetebol é uma das práticas esportivas mais famosas no mundo, principalmente nos estados unidos, onde existe a NBA.

Foi neste país que surgiu o basquetebol em cadeira de rodas.

Parte 2

Cena: Imagem veteranos de guerra, Foto aluno na cadeira aprendendo a arremessar, foto Dr. Guttmann, fotos arco e flecha adaptado, fotos basquete adaptado, foto são Paulo, foto Rio de Janeiro, foto cesta, foto torcida

Narrador (off):

O basquetebol em cadeira de rodas foi criado pelos veteranos da II Guerra Mundial em 1945, no entanto não existe nenhum registro por escrito que confirme esta data. O primeiro registro que se tem é de 6 de dezembro de 1946, quando foi publicado um artigo em um jornal americano comentando sobre os acontecimentos em uma partida de BCR.

Durante este mesmo período, surgia na Inglaterra o BCR como prática esportiva terapêutica. Dr. Guttmann, responsável pela direção do centro de lesados medulares no Hospital Stoke Mandeville, foi um defensor das práticas esportivas como atividade auxiliar no processo de reabilitação.

Em 1948, ocorria a primeira competição oficial, tendo como modalidades o arco e flecha e o pólo em cadeira de rodas - denominando-se Jogos de Stoke Mandeville para Paralisados.

No Brasil, o surgimento do BCR deu-se por intermédio de Sérgio Del Grande e Robson Sampaio que, ao retornarem de um programa de reabilitação nos Estados Unidos, trouxeram esta modalidade para São Paulo e Rio de Janeiro. O novo esporte foi muito bem aceito pela população.

Parte 3

Cena: Imagem Olimpíada de Roma, Imagem Olimpíada de Pequim, imagem equipe do Brasil do Basquete em cadeira de rodas nas Paraolimpíadas de Pequim, Imagem Olimpíada de Heidelberg, Imagem menina batendo bola na cadeira de roda, Imagem Olimpíada de Atlanta, Símbolo ABRADecAR, Símbolo CBBC, Símbolo IWBF.

Narrador (off):

A primeira Paraolimpíada foi realizada em Roma, em 1960. Beijing 2008 foi a décima terceira edição. O basquete em cadeira de rodas foi a primeira modalidade paraolímpica a ser praticada no Brasil, em 1958.

A modalidade é praticada por atletas de ambos os sexos que tenham alguma deficiência físico-motora de acordo com as regras adaptadas da Federação Internacional de Basquete em Cadeira de Rodas. O BCR representou o Brasil pela primeira vez em uma Paraolimpíada, em 1972, na cidade de Heidelberg, Alemanha Ocidental.

A partir daí, as participações brasileiras tornaram-se efetivas. a primeira participação do BCR feminino ocorreu na Paraolimpíada de Atlanta, em 1996, nos Estados Unidos, como equipe convidada. A primeira entidade nacional a dirigir esta modalidade foi a Abradecar (Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas) até o ano de 1997.

Neste mesmo ano, em função do aumento no número de equipes, surgiu a necessidade de criar-se uma entidade máxima para coordenar, normalizar e incrementar a prática desta modalidade no Brasil. Surgindo assim a CBBC (Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas) que, por sua vez, reporta-se ao órgão máximo em nível mundial, a IWBF (*International Wheelchair Basketball Federation*).

Parte 4

Cena: Imagem treino de basquete em cadeira de rodas

Narrador:

Como a prática do BCR tem-se tornado cada vez mais popular, faz-se necessário instrumentalizar profissionais capazes de desenvolver tal modalidade, com enfoque além do esporte de competição, uma vez que os ganhos, por parte daqueles que a praticam, extrapolam os limites das quatro linhas da quadra.

Entrevista:

“Um dos motivos assim maior, serio o lado da gente ta praticando exercício físico, a higiene mental, uma terapia, uma fisioterapia. Que isso aqui é tudo isso pra gente. Representa muito no sentido emocional, o lado psicológico.”

Cena: Imagem cadeira de rodas, Imagem Olimpíadas de Sydney, Imagem torcida

Narrador:

O BCR é considerado por muitos como um dos esportes mais atrativos, dinâmicos e emocionantes, entre aqueles praticados em cadeira de rodas. Um exemplo disto, segundo IWBF, é que em Sydney mais de 300.000 pessoas assistiram aos jogos durante as paraolimpíadas.

FADE PARA:

SEQ.7 – REGRAS DO BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS

Musica: Ben Harper - “Steal my kisses”

Parte 1

Cena: Imagens da preparação para um jogo de basquete em cadeira de rodas, Imagem cadeira de rodas, Imagens de quedas no jogo.

Narrador:

As regras do basquete em cadeira de rodas não diferem muito do basquetebol convencional, porem o jogador obrigatoriamente deve jogar sentado. As cadeiras são adaptadas, padronizadas e previstas em regras. A cada dois toques na cadeira, o jogador deve quicar, passar ou arremessar a bola. As dimensões da quadra e a altura da cesta são as mesmas e o jogador não pode se levantar da cadeira, caso isto aconteça é considerado infração.

Entrevista 1:

“O contato tem, a rivalidade sempre, é a camisa mesmo que ta em jogo.”

Entrevista 2:

“É muito contato e é isso que faz a gente crescer mais e mais e lutar bastante.”

Parte 2

Cena: Imagem de quedas no jogo, Imagem jogador andando com as mãos

Narrador:

No caso de quedas em que seja necessária a ajuda externa, os jogadores reservas e o técnico só podem entrar em quadra com autorização do arbitro. Mas nem sempre é preciso.

Entrevista:

“Eu aprendi aqui no basquete através de uma queda, que eu caí, aí já levantei rápido assim, coloquei a mão, eu falei da pra andar assim também.

FADE PARA:

SEQ.8 – FINAL

Música: Lwidwing Van

Cenas: Imagens meninos basquete em cadeira de rodas, foto grupo de amigos, foto painéis, Imagem desenho menino em cadeira de rodas.

Narração:

O basquete em cadeira de rodas não é nenhum bixo de 7 cabeças. Agora que você já sabe um pouco mais sobre essa modalidade expanda este conhecimento para seus amigos. Organizem grupos, pesquisem mais e façam uma exposição de painéis ilustrativos em sua escola com as novidades que você aprendeu aqui.

Até a próxima!

FADE PARA:

SEQ.9 – CRÉDITOS

Música: Aisha Duo - Dispartar

Cena: Dança em cadeira de rodas (Handart).

Texto: Trabalho de Conclusão de Curso

Autora Paula Sunega

Orientadora Suraya C. Darido

Coorientador Heitor A. Rodrigues

Narração Samuel G. Trindade

Pesquisa

Fotos Google Imagens

Vídeos YouTube

Texto Manual de Orientação Basquete em Cadeira de Rodas

Trilha Sonora

Pink Floyd

“The Great Gig in The Sky”

Trilha do filme Pulp Fiction

“Misirlou”

“Jungle Boogie”

“Surf Rider”

Lwidwing Van

Trilha do filme Amelie Polain

“J’y Suis Jamais Allé”

“Les Jours Tristes”

Ben Harper

“Steal my kisses”

Apêndice B - Roteiro Vídeo Nike

MATERIAL DIDÁTICO TRABALHO E CONSUMO – A NIKE
ROTEIRISTA: PAULA SÚNEGA

FADE

SEQ. 1 – APRESENTAÇÃO

Musica: Tim Maia – Rational Culture 100 real

Logo UNESP – Universidade “Júlio de Mesquita Filho” (Fade)

Logo UNESP RIO CLARO – Instituto de Biociência (Fade)

Logo Educação Física (Fade)

Imagem: Bola de Basquetebol sobreposto o Texto: Trabalho de Conclusão de curso – Basquetebol X Temas Transversais – A produção de material didático audiovisual para a Educação Física Escolar (Fade)

Imagem: Quadra de Basquete (Fade)

Texto: Produzido por Paula Súnega (Fade)

Texto: Orientadora Suraya C. Darido (Fade)

Texto: Coordenador Heitor Rodrigues (Fade)

Texto: Trabalho e Consumo - NIKE

FADE PARA:

SEQ.2 – CONSUMISMO

Musica: Karsh Kale – “One Step Beyond”

Texto: Consumismo – Consumo exagerado de bens, sem consciência.

Cenas: Crianças relatando o consumo

Imagens de pessoas no shopping

Narrador (off):

Será que a publicidade se resume apenas em retórica e persuasão?

O poder da propaganda vai além, é preciso vender é claro, mas existe muito mais por trás das mídias.

CORTA PARA:

SEQ.3 – PORQUE CONSUMIMOS?

Musica: Karsh Kale – “One Step Beyond”

Textos: Ansiedade, Preocupação, Inveja, Por ser Fabricado, Compulsão, Vaidade, Desejo, Modismo, Por indução, Para dizer que tem, Para ser igual, Para ser diferente, Por necessidade.

Cena: Imagem de uma loja de sapatos, Desenho do cérebro, Imagens de centro hipnótico, Logos de marcas, Logo Nike.

Narrador (off):

Independente do motivo que nos leva a comprar um produto, uma coisa é fato, as empresas usam de estratégias de marketing que podem levar uma pessoa a comprar o seu produto. Algumas até utilizam manobras como mapear reações humanas a formas, cores, frases e muito mais. Tentando gerar um desejo a um produto que talvez a pessoa nem precise. São jogos publicitários que enriquecem as marcas.

Hoje falaremos de uma específica: A NIKE

FADE PARA:

SEQ.4 – A EMPRESA

Musica: Beastie Boys – “In 3’s”

Cenas de pessoas correndo

Texto: “If you have a body, you are an athlete”.

Narrador (off):

Pode parecer um exagero, mas não é. É verdade. Mesmo você, que não faz exercício físico, sabe disso. Já se você faz qualquer atividade física, sabe melhor do que ninguém que a afirmação é rigorosamente verdadeira. Seja como for, mais que uma simples frase, ela é a síntese da missão da NIKE que há mais de 30 anos produzia tênis e hoje fabrica desejos. Seu logotipo, que não carrega mais o nome da empresa há anos, dispensa explicações.. Nenhuma outra marca ligada aos esportes voou tão alto, nas asas de sua originalidade e relação com seus consumidores. O slogan “*Just do it*” passa idéia de simplicidade. Mas não é tão fácil assim inovar e se manter no topo por tanto tempo. No entanto, é o que a NIKE faz. E há décadas.

FADE PARA:

SEQ.5 – HISTÓRIA DA NIKE

Parte 1

Musica: Roy Hargrove Quintet – “Joy is Sorrow unmasted”

Cena: Símbolo Nike, foto Phil Knight, foto Tênis Nike, Símbolo Adidas, Cartaz Blue Ribbon, foto Bill Bowerman,, foto Phil Knight jovem, Foto Tênis Air Max,

Narrador (off):

A idéia de criar a NIKE surgiu de um projeto de MBA de Phil Knight. Ele acreditava que, ao importar tênis que eram fabricados no Japão, utilizando mão-de-obra barata, poderia conquistar uma parcela de mercado da marca alemã Adidas. É criada a empresa *Blue Ribbon Sports*, com Phil Knight e Bill Bowerman, seu treinador de atletismo na universidade de Oregon. Porém os novos tênis precisavam de uma marca.

Parte 2

Cena: Logo Nike 1971, foto Carolyn Davidson, foto Swoosh, foto Jeff Johnson, foto escultura da Deusa grega da vitória,

Narrador (off):

E isto aconteceu no ano de 1971, quando a jovem estudante de design gráfico, Carolyn Davidson, criou por míseros US\$ 35 o famoso símbolo da marca, chamado Swoosh. O nome Nike surgiu logo depois e foi por sugestão de Jeff Johnson, ex-rival de Phil nas pistas de atletismo e primeiro funcionário da Blue Ribbon Sports, que havia sonhado com a Deusa grega da vitória, “NIKÉ” (pronuncia-se niqué). Diziam os gregos que a Deusa podia voar e correr em grandes velocidades. E nada mais apropriado para a nova marca que surgia.

FADE PARA:

SEQ.6 – MARKETING ESPORTIVO

Parte 1

Musica: St Germain – “Acid Jazz”

Cena: Imagem Michael Jordan em uma propaganda da Nike, foto Nike Basquetebol

Narrador (off):

Por ano a NIKE desembolsa US\$ 1.6 bilhões, que corresponde a 10% de seu faturamento anual, em publicidade e contratação de atletas renomados como garotos-propaganda. Um exemplo é o jogador de basquete da Universidade da Carolina do Norte chamado Michael Jordan (1985), que viria a se tornar seu mais conhecido garoto-propaganda. Ele possuía sua própria linha de tênis: o Air Jordan, sendo uma grande influencia no basquetebol.

FADE PARA:

SEQ.7 – A MARCA NO MUNDO

Musica: Trilha Piratas do Caribe – “At wit’s end”

Parte 1

Cena: Imagens fábrica da Nike, imagem chefe em cima da mesa, imagem marketing no mundo, imagem sapateiro,

Narrador:

A empresa tem cerca de 30.000 funcionários no mundo. Os 250 milhões de pares de tênis vendidos por ano garantem um faturamento de US\$ 18.6 bilhões. -Mas o que a maioria não sabe é como vivem as pessoas que trabalham nas fábricas dessa mega empresa

Parte 2

Cena: Imagem chefe em cima da mesa, imagem marketing no mundo, imagem sapateiro, imagem sede da Nike, Imagem tênis,

Narrador:

Grandes Multinacionais sempre controlaram seus empregados de uma forma opressiva sem que a classe trabalhadora desse conta. Hoje com a chamada "globalização" temos acesso a informação que não era possível antes. Empresas com a Nike que surgiram como uma simples fábrica de calçados esportivos, agora operam um verdadeiro império.

Não ha nada de errado nisso muito pelo contrario, todos nos, em um sistema capitalista temos o direito de fazer o melhor possível. São os meios que fazem a diferença.

FADE PARA:

SEQ.8 – EXPLORAÇÃO DO TRABALHO

Musica: Trilha Piratas do Caribe – “At wit’s end”, The Bretheren Court”

Cenas: Crianças jogando basquete (todas com tênis Nike), Sátira de crianças trabalhando, foto crianças trabalhando, foto empresa da Nike em Taiwan,

Narração:

A fórmula do sucesso da Nike é muito simples: produzir acessórios de qualidade a baixo custo. Como isso e possível?

Explorando milhões de pessoas miseráveis nos países onde a situação econômica é mais critica, fazendo seus operários trabalharem 12 horas por dia ganhando menos de 30 centavos por dia.

A Nike tem fabricas ao redor do mundo, especialmente em países subdesenvolvidos, onde as leis são escassas e os direitos humanos não são respeitados. A fábrica da indonésia emprega trabalhadores menores de idade. Crianças de 12, 13 anos trabalham turnos de 12 horas em condições tão horríveis que seria difícil achar algo parecido em nosso país. Justificativas poderiam ser apresentadas se a companhia fosse uma pequena empresa local, mas estamos falando de um dos maiores impérios do mundo.

Quando ativistas a favor dos direitos humanos começaram a investigar os estabelecimentos da Nike na indonésia, não podiam acreditar no que seus olhos viam, além da vida de semi-escravidão de seus operários, estes ainda são forçados a trabalhar com produtos químicos altamente tóxicos e sem nenhuma proteção.

Bolas de Futebol da Nike são feitas em pequenos quartos sem janelas, por velhos, jovens e crianças sentados no chão de cimento em pequenas aldeias do Afeganistão. Os tênis vem de suas fabricas no Vietnã, Indonésia Camboja e China.

FADE

PARA:

SEQ.9 – ENTREVISTA MICHAEL MOORE

Cena: Foto Michael Moore, Imagens documentário “The Big One”

Narrador:

Michael Moore, cineasta dos Estados Unidos, conhecido por defender os direitos trabalhista, cita em seu documentário “The Big One” essa situação.

No documentário também entrevistou o dono da Nike sobre o assunto.

Entrevista:

FADE PARA:

SEQ.10 – FINAL

Música: Radiohead - All I Need

Cena: Imagens Clipe Radiohead, imagens de manifestações contra a Nike

Narrador:

Inconformados com a situação, a MTV juntamente com a banda Radiohead fizeram um clipe denunciando esta exploração.

O clipe é composto da representação de um dia de duas crianças: uma é claramente pertencente a uma família estruturada dos países mais ricos e a outra é uma criança pobre que trabalha em condições péssimas e que nem sabemos se possui família. O vídeo escolhe essa oposição para causar impacto e dizer a que veio e, logicamente, buscar sensibilizar a audiência – principalmente nas cenas finais.

Com esse vídeo, o [Radiohead](#) acabou por transformar *All I Need* em um pedido de socorro por parte de milhões de crianças que trabalham em condições desumanas.

A solução deste problema é a conscientização das pessoas sobre o consumo exagerado, e a manipulação das propagandas.

Agora é a sua vez!

Professor! promova um debate na sala de aula, em que um grupo seja a favor da Nike e o outro contra.

Pesquisem mais sobre o assunto e debatam. O veredicto final fica a critério do professor.

Depois do debate, façam painéis mostrando os pontos principais desse debate e exponham pela escola.

Até a próxima!

FADE PARA:

SEQ.11 – CRÉDITOS

Música: Radiohead - All I Need

Cena: Clipe Radiohead

Texto: Trabalho de Conclusão de Curso

Autora Paula Sunega

Orientadora Suraya C. Darido

Coorientador Heitor A. Rodrigues

Narração Samuel G. Trindade

Texto

<http://www.angelfire.com/art/antinike>

<http://www.calcadodesportivo.no.sapo.pt/historianike>

Fotos Google Imagens

Vídeos YouTube

Documentário “The Big One”

Trilha Sonora

Karsh Kale – “One Step Beyond”

Beastie Boys – “In 3’s”

Roy Hargrove Quintet – “Joy is Sorrow unmasted”

St Germain – “Acid Jazz”

Trilha Piratas do Caribe – “At wit’s end”

“The Bretheren Court”

9. ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)

Prezado Sr(a)_____

Venho por meio desse documento, convidar seu filho (a) a participar da pesquisa intitulada: “*Basquete e os Temas Transversais: a produção de Material didático audiovisual para a educação física escolar*”. O presente estudo visa contribuir com a discussão do uso de vídeos em aulas de Educação Física. O objetivo da pesquisa foi em um primeiro momento elaborar um material didático em forma de vídeo sobre o basquetebol e temas que envolvem a sociedade, e em um segundo momento será avaliada a aceitação dos alunos sobre o vídeo através de uma discussão em grupo. A contribuição de seu filho na pesquisa se restringe a fase de avaliação da aplicabilidade do material didático. Nesse sentido, seu filho, assistirá aos vídeos sobre o basquete, em seguida será convidado a discutir as temáticas apresentadas nos vídeos e por fim será convidado a avaliar a qualidade dos vídeos, bem como se a utilização desse tipo de material didático é uma boa estratégia para aprender conceitos de educação física. Válido esclarecer que tal atividade será realizada por meio da metodologia do grupo focal, portanto em conjunto com seu filho, os colegas de classe também serão convidados a participar conjuntamente da atividade. Os riscos encontrados nessa pesquisa são mínimos, visto que se trata de

um encontro para discussão. Em qualquer momento da pesquisa você poderá solicitar esclarecimentos sobre o estudo ou até mesmo se recusar quanto à participação de seu filho (a), sem risco de nenhuma penalização. Além disso, sua identidade e de seu filho (a) será preservada durante e depois da realização da pesquisa. Em contrapartida sua participação contribuirá para o desenvolvimento de estudos sobre o material didático, já que esse é um assunto pouco discutido pela Educação Física na escola.

Nome: _____ Documento de Identidade: _____
 Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____
 Telefone: _____ Endereço: _____

_____ Data: ____/____/____
 Assinatura do sujeito da pesquisa

Título do projeto: Basquete e os Temas Transversais: a produção de Material didático audiovisual para a educação física escolar

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Suraya Cristina Darido
 Cargo/função: Professora Doutora
 Instituição: Departamento de Educação Física UNESP/RC
 Endereço: Av: 24-A, 1515 - Bela Vista e-mail: surayacd@rc.unesp.br
 Dados para Contato: fone 35264352

Aluno Pesquisador: Paula Beatriz Camargo Súnega
 Endereço: Rua 8B nº 1212, Vila Indaiá Rio Claro/SP
 Dados para Contato: fone 19-92584040 e-mail: psunega@hotmail.com RG: 42.677.037-7
 Instituição: Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" – Campus Rio Claro
 Curso: Licenciatura em Educação Física Projeto para: TCC
 Orientadora: Profª Drª Suraya Cristina Darido Coorientador: Heitor Rodrigues de Andrade

_____ Data: ____/____/____
 Suraya Cristina Darido Paula B. C. Sunega

Anexo B - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Rio Claro



DECISÃO CEP Nº 063/2009

Instituição: UNESP – IB – CRC	Departamento: Educação Física
Protocolo nº: 2252 de 24.03.2009	Data de Registro CEP: 22.04.2009
Projeto de Pesquisa: "Basquete e os temas transversais: A produção de material didático audiovisual para a Educação Física Escolar"	

Pesquisa Individual	Pesquisador Responsável: --
---------------------	-----------------------------

Pesquisa Alunos de Graduação	Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Suraya Cristina Darido
	Orientando(a): Paula Beatriz Camargo Súnega

Pesquisa Alunos de Pós-Graduação	Pesquisador Responsável: --
	Orientador(a): --

Objetivo Acadêmico:	<input checked="" type="checkbox"/> TCC <input type="checkbox"/> Mestrado <input type="checkbox"/> Doutorado <input type="checkbox"/> Outros (especificar)
---------------------	---

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP – Campus de Rio Claro, em sua 35ª reunião ordinária, realizada em 15/09/2009,	
<input checked="" type="checkbox"/>	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
<input type="checkbox"/>	Desde que atendidas as pendências apontadas na reunião (vide anexo), aprova o Projeto de Pesquisa acima citado.
<input type="checkbox"/>	Referendou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
<input type="checkbox"/>	Aprovou retornar ao interessado para atendimento das pendências encontradas (prazo máximo de 60 dias):
<input type="checkbox"/>	Não Aprovou.
<input type="checkbox"/>	Retirou , devido à permanência das pendências.
<input type="checkbox"/>	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado e o encaminha , com o devido parecer, para apreciação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa- CONEP/MS , por se tratar de um dos casos previstos no capítulo VIII, item 4.c.

“Formulário para Acompanhamento dos Protocolos de Pesquisa Aprovados”
Data de Entrega: Abril de 2010

Rio Claro, 15 de setembro de 2009.

Profa. Dra. Maria Izabel Souza Camargo
Coordenadora do CEP

Anexo C – Transcrição de uma Entrevista

Pesquisadora

- Se o professor de Educação Física chegasse e dissesse que a aula daquele dia não seria na quadra, qual seria a reação de vocês?

Participantes

-Não! (Todos dizem ao mesmo tempo)

-A gente não ia gostar, porque a semana inteira a gente fica dentro da sala, escrevendo e essas são as duas aulas que a gente tem pra sair da sala.

Pesquisadora

-Qual seria a reação de vocês se ele dissesse que nesta aula seriam trabalhados conteúdos em forma de vídeo? Por exemplo, aquilo que você teria na quadra, seria passado em vídeo.

Participantes

-A teoria seria legal, mas a prática tem que ser na quadra.

Pesquisadora

-E se essas aulas em vídeo fossem somente duas ou três vezes por mês, quando um novo conteúdo fosse começar, ou quando um assunto não tivesse como ser trabalhado em quadra?

Participantes

-Ai sim. Ou então nos dias de chuva.

Pesquisadora

-Aulas com exposição de vídeos de outras matérias costumam ser interessantes?

Participantes

-Depende. Alguns vídeos, tipo documentários são chatos e muito demorados, mas assim curtinhos até que são divertidos.

-Eu gosto de assistir filmes nas aulas, porque a gente consegue associar coisas do filme com a matéria que a gente ta tendo.

Pesquisadora

-É interessante haver mais discussões dentro das aulas de Educação Física? Ou Educação Física só pode ser trabalhada em quadra?

Participantes

-Só em quadra (um aluno responde).

-Não (os outros contestam).

-A gente fica tão preso em esportes que a gente já pratica tipo futebol ou vôlei, mas tem vários tipos de esporte de outros países que a gente não conhece, então tem que conhecer. Por exemplo, o basquete em cadeira de rodas.

Pesquisadora

-Vocês sabem o que são temas transversais?

Participantes

-Não.

Pesquisadora

-Os temas transversais são temas que devem ser trabalhados em todas as matérias da escola, inclusive a Educação Física. Esses temas são: Ética, Trabalho e Consumo, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural. Eles foram escolhidos por causa da grande demanda de informações que existe hoje na nossa sociedade sobre esses temas. Eu fiz os vídeos relacionados com dois temas. Alguém saberia dizer quais são?

Participantes

-Ética, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural?

Pesquisadora

- Na verdade seria Trabalho e Consumo o tema principal do vídeo da Nike, e Pluralidade Cultural o do Basquete em Cadeira de Rodas.

Pesquisadora

-Os vídeos abordam bem os dois temas propostos?

Participantes

-Sim, principalmente o da Nike que mostrou que as pessoas só querem e querem comprar, nunca tão satisfeitos.

-E o do basquete também, que mostra que tem q dar espaço pras pessoas que são deficientes. Eles têm o mesmo direito que a gente.

Pesquisadora

Vocês aprenderam alguma coisa nova assistindo os vídeos?

Participantes

-O vídeo do basquete foi bem motivador, na parte que mostra o homem andando com as mãos, que mesmo sendo deficiente eles fazem coisas que a gente não faz.

-E parece ser difícil jogar, não pode nem levantar da cadeira.

-O da Nike mostrou que a gente só pensa em comprar, e não sabe nem onde o produto foi feito.

Pesquisadora

-Os vídeos assistidos têm relação com Educação Física?

Participantes

-Tem. Com os esportes. A Nike e os esportes tem tudo haver.

- A Nike é uma fábrica que faz vários produtos para o esporte. E o esporte é o que a gente faz na Educação Física.

Pesquisadora

-Vocês mudariam alguma coisa nos vídeos?

Participantes

-Não. Ta bem legal

Pesquisadora

-No final de cada vídeo são propostas atividades para se colocar em prática o que foi aprendido. Essas atividades se enquadram em uma aula de Educação Física?

Participantes

-Sim. A proposta é legal, principalmente do debate. A sala inteira acaba participando, e a gente acaba tendo que pesquisar mais.

Pesquisadora

Vocês saberiam me dizer, depois de terem assistido a estes vídeos quais temas poderiam ser abordados na aula de Educação Física?

Participantes

-Nos basquete em cadeira de rodas se discute a inclusão social, a questão da deficiência, que eles também podem fazer coisas que agente faz.

Pesquisadora

-E no da Nike?

Participantes

-O consumo, as propagandas e a mídia

Pesquisadora

-No caso da Educação Física, você precisa realmente de um tênis tão caro?

Participantes

-Não, na verdade só precisa de tênis para proteção, mas na verdade é legal ter tênis de marca né.